

am

A'VE MARIA - REVISTA MENSAL - ANO XC
Nº 12 - DEZEMBRO 1988 - Cz\$ 350,00



MENINO PROCURADO

MARIA, A FILHA PURÍSSIMA DO PAI

NATAIS DE ONTEM, NATAIS DE HOJE

AGENDA BÍBLICA

UMA AGENDA DIFERENTE
QUE VOCÊ PRECISA
TER SEMPRE À MÃO!

Estamos nos aproximando do fim de mais um ano. Chegou, pois, a hora de escolher os presentes, para as pessoas que você ama.

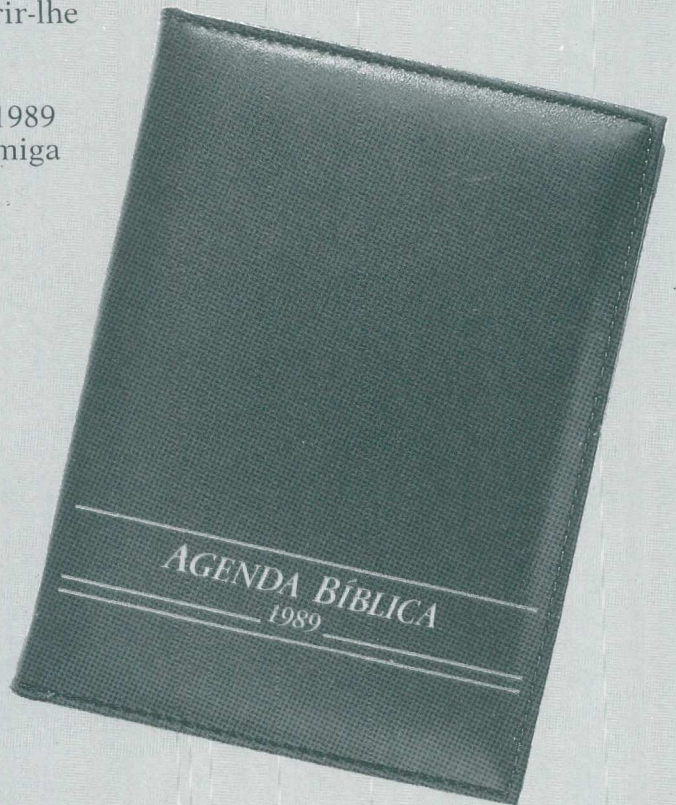
A AM edições tem a grata satisfação de sugerir-lhe o presente ideal, inédito no Brasil, para seus queridos amigos, ou então para você "presentear-se" a si mesmo: AGENDA BÍBLICA 1989 — uma agenda útil, diferente, uma verdadeira amiga e companheira para todas as horas!

A cada página, você encontra algo de tocantemente terno e maravilhoso, que só as mensagens de amor podem conter.

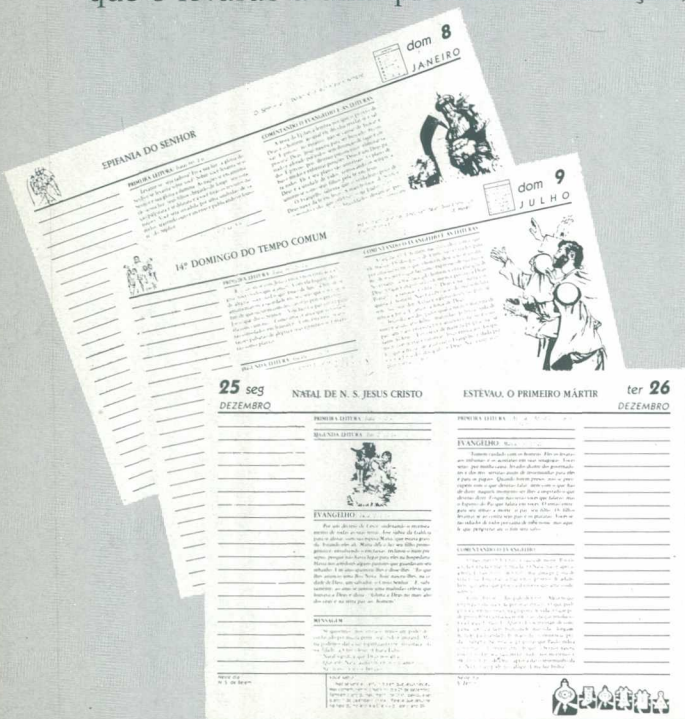
São centenas de textos e ilustrações que lhe proporcionarão, todos os dias, um novo amanhecer, cheio de fé, paz e esperança.

Além das vantagens e utilidades comuns a todas as agendas, a AGENDA BÍBLICA oferece a você:

- as mais belas páginas, vivas e palpitantes, do Evangelho de Jesus;
- comentários objetivos dos textos bíblicos, que o ajudarão a entender seu conteúdo e esclarecer certas passagens;
- questões para compreensão dos textos, que o levarão a uma profunda meditação;



- frases dos mais célebres pensadores, que poderão lhe dar novas idéias e sugerir soluções simples para problemas complexos, trazendo conforto imediato;
- curiosidades dos mais diversos tipos, que aumentarão sua cultura geral;
- informações variadas, que complementarão seu cotidiano no lar, no trabalho e no lazer.



Preencha já o seu cupom com letra bem legível e de forma, recorte e envie imediatamente seu pedido para:

AM Edições - CAIXA POSTAL 54165 - 01296 - São Paulo - SP

ou pelo telefone: (011) 826-6111

Peço enviar-me exemplares da AGENDA BÍBLICA pelo preço de Cz\$ 5.400,00 + despesas de Correio

ATENÇÃO: NÃO MANDE DINHEIRO AGORA

Nome: _____

Endereço: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura: _____



am
avemaria

90 ANOS

Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Fundada em 28 de maio de 1898. Registrada no SNPI sob n.º 221 689, no SEPJR sob n.º 50, no RTD sob n.º 67, e na DCDP do DFP, sob n.º 199. P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil.

Diretor responsável: Cláudio Gregianin (MTPS) n.º 14 696)

Administração: Hely Vaz Diniz

Arte: Roberta Masciarelli (direção), Rubens Barboza e Nelson Veríssimo (assistentes)

Preparação e revisão: Horácio Menegat

Composição, fotolito e impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda. Rua Martim Francisco, 656 — (Vila Buarque — CEP 01226) — São Paulo.

AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3.º e 4.º andares. Tel. (011) 66-2128 e 66-2129. Cx. P. 54215 (CEP 01296) — São Paulo (SP).

A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da revista *Ave Maria* — A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinaturas são feitas por banco ou correio.

Preços: números avulsos: Cz\$ 350,00; assinatura nova e renovação: Cz\$ 3.500,00; assinatura de benfeitor: Cz\$ 7.000,00.



Foto da capa: série AM 90 anos

“MADONA ALBA-PLENA — Pintura de Antônio Paim Vieira. Alba-Plena é o nome de uma orquídea inteiramente branca, sem nenhuma sombra de colorido. Essa orquídea forma-se no recesso sombrio das selvas e, presta-se para simbolizar a pureza total de Maria que, se esconde nas profundezas ignoradas de sua humildade. É uma figuração regionalista e moderna de Maria Imaculada. No colo da Madona, o Menino estende festivamente os bracinhos acolhedores. As feições da Mãe Santíssima impressionam por serem acentuatadamente ameríndias mas, no Menino essas características inexistem, causando um violento contraste, como sucede com as gerações nativas que rapidamente se refinam. Desenha-se ao fundo do quadro uma perspectiva de orquídeas alvinhentas. A tela é totalmente branca, mas, não obstante, percebe-se os contornos da figura e pormenores dos tufos de gazes. Maria infunde piedade.

NATAL: Vida digna para todos

O Natal de Jesus sugere sempre a alegria do renascimento de tudo e de todos em Jesus Cristo. O Messias que vem é o Salvador e o libertador. Só assim, de fato, Ele é Deus conosco.

Os cristãos querem ser, no Natal, os portadores dessa esperança. E como família dos filhos de Deus, a Igreja, espelhando-se em Maria, quer ter coração materno que acolhe a Palavra de Deus animada pelo Espírito Santo. A Igreja, como diz o Concílio Vaticano II, “pela pregação e pelo Batismo engendra para uma vida nova e imortal todos os filhos concebidos pelo Espírito Santo e nascidos de Deus” (LG 64).

Maria, no Natal de Jesus, ensina à Igreja a ser mãe, a conviver e a compartilhar a vida com os filhos, cujo zelo maior é devotado ao menor, ao mais carente, ao mais adoentado.

Sempre é bom lembrar que a Igreja somos todos nós os batizados no ser de Deus Pai, Filho e Espírito Santo e, por isso, fonte permanente de vida digna de salvação. Num mundo materialista, egoísta, injusto e hedonista que escraviza e despreza a dignidade do homem, filho de Deus, significa que a Igreja deve ser força de libertação, de vida nova, de renascimento.

Não existe possibilidade e nem há o porquê de serem os cristãos separados da sociedade em que vivem. Pelo contrário, é inserindo-se no mundo dos homens, entre as atividades cotidianas, sucessos, infortúnios, lutas e conquistas que as pessoas de fé atuarão conforme ensinam as imagens do sal, da luz, do fermento na massa, citadas por Jesus nos evangelhos.

Os festejos, os feriados, os presentes natalinos se repetem e se sucedem todos os anos e passam. Mas o espírito salvador e libertador de Deus permanece na presença comprometida dos cristãos com a história do homem de hoje. Os testemunhos de justiça, solidariedade, verdade, sinceridade, fraternidade são realidades onde o Nazareno, nascido há 20 séculos, continua vivo e atuante, hoje, nos cristãos comprometidos.

Que a alegria retomada no Natal não seja só pela celebração dos festejos do dia de Natal mas porque renasce a esperança e a confiança no “Deus que consolida o seu reino na paz com o direito e a justiça” (Is, 9,6), através dos cristãos comprometidos com a causa de Jesus e através dos homens de boa vontade.

Paz na terra aos homens de boa vontade a quem Deus ama, é sinônimo de convivência fraterna, portanto, sem oprimidos, sem marginalizados da vida digna e das coisas necessárias a ela. Só assim teremos a alegria verdadeira do Natal e só com essa alegria poderemos glorificar o Pai no alto dos céus. (Lc 2,14).

P.C.G.

SUMÁRIO

- | | |
|--------------------------------------------|------------------------------------------------|
| 4 • A IGREJA NO MUNDO | 21 • CIDADES DO MEU BRASIL |
| 6 • FELIZ NATAL | 22 • PÁGINA DO CATEQUISTA |
| 7 • NATAIS DE ONTEM, NATAIS DE HOJE | 24 • CONSULTÓRIO POPULAR |
| 8 • NO PRINCÍPIO ERA O SILÊNCIO | 25 • A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA |
| 9 • MARIA, A FILHA PURÍSSIMA DO PAI | 28 • MEU LAR, MINHA ALEGRIA |
| 10 • O BEIJO | 30 • A FAMÍLIA TODA ESTÁ DOENTE |
| 11 • ALEGRAI-VOS; É NATAL | 31 • RELENDO A BÍBLIA |
| 13 • MENINO PROCURADO | 32 • LIVROS RECEBIDOS |
| 14 • MARIA, MÃE E VIRGEM NA VIDA DA IGREJA | 34 • A PALAVRA DO PAPE |
| 20 • MÃE SOCIAL | 35 • QUE BOM QUE VOCÊ VEIO! |



Dignidade e vocação da mulher

João Paulo II publicou em Roma, dia 30 de setembro a Carta Apostólica "Mulieris Dignitatem" cujo tema é a dignidade e a vocação da mulher. É resposta do Santo Padre ao Sínodo de 1987 sobre Leigos. O Papa faz reflexão antropológica e teológica sobre o ser mulher. São 120 páginas com sete capítulos, além da introdução e conclusão. (1) — Lembra que Deus criou a pessoa humana à sua imagem e semelhança, como homem e mulher, como "unidade dos dois"; a mulher sendo o outro "eu" do homem; os dois refletindo a comum-união das Três Pessoas que se amam numa única vida divina. (2) — O pecado diminui essa imagem. Rompe essa unidade. Perturba a relação entre homem e mulher. Altera a igualdade fundamental entre os dois, transformando o dom recíproco de si em dominação. (3) — Maria, como Mãe de Deus, manifesta a extraordinária dignidade da mulher e a perfeição daquilo que é feminino. É a elevação sobrenatural do humano, tanto

do homem como da mulher, pela sua união íntima com Deus, numa relação entre Mãe e Filho. (4) — Jesus Cristo foi o promotor da verdadeira dignidade e vocação da mulher pela sua palavra e vida, não discriminando a mulher como seus contemporâneos. (5) — A Igreja é a Esposa, á qual Cristo se entregou como Esposo. Por meio da Igreja, todas as pessoas — homens e mulheres — são chamados a serem Esposa. Assim o "feminino" se tornou símbolo do "humano". (6) — Na Igreja e em Maria, a virgindade e maternidade encontram a plenitude do seu valor. Como Maria e a Igreja, a mulher é virgem-mãe-esposa. (7) — O que decide sobre a dignidade da mulher é sua vocação para o amor. Pela sua feminilidade, ela existe para receber amor e para amar. A Carta de João Paulo II termina restando graças ao Senhor, porque pela Mulher realizou-se o maior acontecimento da história: Deus se fez Homem.

"Aparições" de Nossa Senhora

Esclarecimento sobre supostas aparições de *Nossa Senhora do Lajeado Paca*, Rio Grande do Sul, foi dado pelos Bispos de Erexim, *Dom João Aloysio Hoffmann* e *Dom Girônimo Zanandrea*, em documento assinado dia 18 de setembro de 1988, para ser lido em todas as Comunidades da Diocese. *Primeiro, apresenta a doutrina da Igreja sobre o Ma-*

gistério, que busca entender os sinais dos tempos, dando respostas novas às novas situações, à luz da Sagrada Escritura e da Tradição. Revelações particulares e aparições são também objeto do ensinamento da Igreja. Aparições de Nossa Senhora, reconhecidas pela Igreja, nada acrescentam aos dogmas fundamentais sobre Maria Santíssima. Nem são indispensáveis para a salvação. *Depois, história as supostas aparições da Virgem Maria*, há algumas décadas, à recentemente falecida, senhora Dorotéia Farina, do Lajeado Paca, em Erexim. O Bispo de Passo Fundo, na década de 1950, realizou minuciosa investigação com teólogo, sociólogo, médico e sacerdotes da Diocese, constatando: (1) — que os fenômenos visionários da senhora Dorotéia Farina devem-se à sua "personalidade psicopática"; (2) — as chagas eram "provocadas por instrumento contundente"; (3) — o sangue das alegadas chagas não apresenta nenhum "elemento para se admitir que seja sangue humano". Diante disso, o Bispo de Passo Fundo, em 1954, não reconheceu tais "aparições" e desautorizou toda prática religiosa em torno do fenômeno. *Por fim, o documento se posiciona*, reafirmando que não há nenhuma autenticidade nas chamadas aparições de Nossa Senhora no Lajeado Paca. Não têm aprovação dos Bispos de Erexim os atos de culto público realizados no local, nem a campanha para a

construção de monumento e santuário, com interesses questionáveis. "Ordenamos, enfim, terminantemente, que ninguém mais promova qualquer iniciativa em torno do fenômeno e se dê o Assunto por encerrado", termina a declaração da Mitra Diocesana de Erexim.

Nicarágua melhora saúde no Atlântico Sul

Bluefields, Nicarágua (AGEN-ANN) — A partir da Revolução Sandinista se conseguiu na região do Atlântico Sul reduzir o índice de mortalidade infantil, de 150 mil nascidos vivos a 50 por mil, e controlar doenças como o sarampo, a difteria e a poliomielite.

Ernesto Sequeira, delegado de Saúde na região autônoma Atlântico Sul, manifestou que segundo estudos realizados pelo Ministério da Saúde (MINSA) a respeito da situação sanitária do país, as doenças respiratórias, diarreicas, malária e "parasitosis endêmicas" são as que mais afetam os nicaraguenses.

Antes do 19 de julho de 1979, a saúde somente se concentrava em Bluefields e de modo esporádico essa atenção chegava a outras regiões da área por meio de organismos religiosos estadunidenses.

A infra-estrutura de saúde tem sido particularmente golpeada pela guerra de agressão. Os "contra" destruíram mais de 80 postos de saúde em todo o país.



Na África do Sul, a firmeza de Mandela

Lusaka (AGEN-IPS) — O Congresso Nacional Africano (ANC) emitiu um comunicado na capital de Zâmbia, há umas semanas, acusando o governo racista sul-africano de tentar liquidar lentamente o líder popular Nelson Mandela; os pedidos iniciais dos familiares para que ele recebesse atenção de médicos de confiança, não foram ouvidos pelas autoridades. A tuberculose surgiu das condições carcerárias subumanas em que o líder foi mantido durante 25 anos, e só a denúncia do seu advogado obrigou a hospitalização, diz a declaração.

Nelson Mandela, 70 anos, está condenado à prisão perpétua pela sua luta contra o apartheid. O secretário geral das Nações Unidas pediu recentemente a libertação do chefe popular. No ano passado o governo sul-africano propôs a Mandela sua soltura, se ele renunciasse à luta; o líder africano respondeu que primeiro devia ser liquidado o apartheid.

É grande a solidariedade a D. Pedro Casaldáliga

São Paulo, SP (AGEN) — O Conselho Nacional de Leigos, a Comissão Justiça e Paz de São Paulo e um grupo de leigos, religiosos e religiosas reunidos para estudar a Palavra de Deus, foram, entre muitos, os que mandaram mensagens de solidariedade a D. Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia.

Em textos curtos, mas carregados de sinceridade, os remetentes expressaram seus desgostos frente à questão. O Conselho Nacional de Leigos, por exemplo, em carta datada de 30 de setembro, afirmava: "é de causar estranheza e indignação assistir a fatos como esse que ora atinge D. Pedro Casaldáliga dentro da própria Igreja. Isso revela o grande distanciamento de alguns membros da Igreja em relação à pessoa humana, ao processo de libertação do povo e, porque não dizer, em relação ao próprio Evangelho de Jesus Cristo".

Subversão

Eis o texto da carta da Comissão Justiça e Paz: "o episódio da disputa processual entre o bispo de São Félix do Araguaia e o Vaticano, em seu aspecto jurídico, ameaça abafar algo de muito importante para a comunidade cristã universal. Trata-se de saber se o Evange-

lho nos obriga a superar, a todo momento, os convencionalismos da ordem estabelecida, para darmos o nosso apoio aos pobres de Deus, aos excluídos desse mundo e aos desprezados, ou se, em qualquer circunstância, é preciso seguir os mandamentos das autoridades estabelecidas e abdicar da liberdade dos justos.

A Comissão Justiça e Paz de São Paulo saúda em D. Pedro Casaldáliga o chefe espiritual que sacode, a tempo e a contratempo, a tibieza e a dissimulação da comunidade cristã, para salvar a Vida e o Amor".

Curso sobre história da Igreja

Será promovido pela SOTER (Sociedade de Teologia e Ciência da Religião) curso sobre história da Igreja no Brasil, de 9 a 21 de janeiro de 1989, para todos os professores de Teologia interessados, numa reflexão interdisciplinar. A SOTER receberá inscrições para esse Curso até o final de outubro, na Faculdade de Teologia 'Nossa Senhora da Assunção', em São Paulo, fone (011) 274-8600. Os inscritos receberão programa do curso, endereço do local e custos financeiros. Neste ano de 1988, a SOTER ofereceu um curso intensivo sobre Cristologia, em Cachoeira do Campo, Minas Gerais. Assim, a Associação dos Teólogos brasileiros pretende dar possibilidades de atualização aos Professores de Teologia do país.

CLAI faz assembleia geral em São Paulo

São Paulo (AGEN) — A segunda assembleia geral do Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI) realizou-se em Itaiaci, São Paulo, de 28 de outubro a 2 de novembro. Estiveram presentes delegados de aproximadamente 30 igrejas evangélicas e organismos ecumênicos da América Latina e do Caribe.

O CLAI foi fundado em 1982 no Peru. A Igreja Católica esteve presente, mas somente como observadora, pois não faz parte oficialmente da entidade. "Igreja: a caminho de uma esperança solidária". Este foi o tema do encontro

O CLAI tem sede em Quito, capital do Equador, e é presidido pelo bispo metodista da Argentina, Federico Pagura, tendo como secretário geral o pastor Felipe Adolf.

O tema central teve como subtemas: "missão evangelizadora da Igreja", "a solidariedade com os movimentos sociais e populares" e "a comunidade de fé e o encontro fraterno".

AVISO AOS ASSINANTES

Brevemente o nosso representante, JERÔNIMO J. FARIAS estará visitando as seguintes cidades mineiras: Juiz de Fora, Santos Dumont, Barbacena, Ressaquinha, Carandaí, Conselheiro Lafayette, Congonhas, Nova Lima, Raposo, Sabará.



FELIZ NATAL

Ao desejar Feliz Natal, quero que meu bom desejo se dirija a todo homem, meu irmão. É o Natal Daquele que não discrimina. Os anjos o anunciaram a todos.

Feliz Natal aos pequeninos e humildes, depositários diretos e anunciadores primeiros da mensagem de salvação e alegria. Madrugadores na caminhada para Belém.

Feliz Natal aos grandes e poderosos, pesados e retardatários, mas mesmo assim objeto da força irresistível da graça Daquele que, sendo grande e poderoso, se fez pequeno e fraco, para dobrá-los pelo amor.

Feliz Natal aos ricos cujo coração de pobre acolheu a única riqueza que o Senhor de tudo conservou: o amor e a compaixão.

Deste território conquistado Ele parte para a conquista de todo o seu ser e de todos os seus gestos.

Feliz Natal aos ricos cuja riqueza metalizou o coração e as mãos também.

A força da graça é capaz de penetrar nos metais mais duros e refratários.

Ao desejar Feliz Natal, quero que minhas palavras sejam mais do que simples palavras. Carregadas de afeto, impregnadas de bons desejos, quero que sejam sacramentos da alegria, da paz e da felicidade que o Cristo veio trazer, evocando, visualizando, contendo e comunicando o que expressam.

Feliz Natal

Pe. Isidoro de Nadai

Estamos às portas do Natal. Ele nos lembra o nascimento de Jesus. Mais do que nunca há a necessidade de nos lembrarmos dos ensinamentos do Senhor e, com eles, iluminar a história e julgá-la à luz do presente.

É Natal. Os cristãos de ontem comemoraram-no com entusiasmo. Os cristãos de hoje o comemoram também. Ontem como hoje, hoje e amanhã, os Natais sempre foram iguais? Qual o sentido desta festa cristã?

Origens do Natal

Não sei se você sabe (eu também não o sabia até bem pouco tempo), mas o Natal *não é uma data histórica precisa* do nascimento de Cristo. É uma festa litúrgica que surgiu no século IV d.C. para comemorar o nascimento do Senhor. A data correta não se conhece, ao certo, até hoje.

Há duas hipóteses para explicar o aparecimento desta festa no calendário cristão.

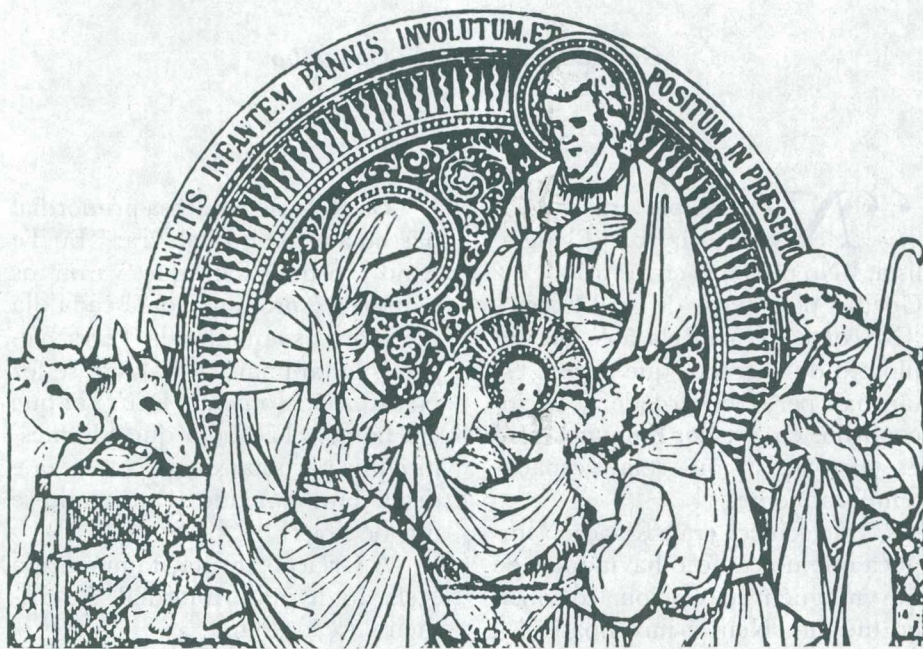
Uma delas diz que surgiu da cristianização da festa pagã do deus sol dos romanos (chamada de NATALE SOLIS INVICTI ou: nascimento do deus-sol vencedor das trevas), que era comemorada a 25 de dezembro. Os cristãos comemorariam este dia, festejando o nascimento do Senhor, “sol da justiça” (Mt 3,20) e “luz do mundo” (Jo 8,12). A celebração desta data seria uma forma de dizer aos pagãos:

— O que vocês comemoram em sombras e imagens, nós o temos de fato e em pessoa! Jesus é a verdadeira luz que ilumina todo homem!

A outra teoria diz que os teólogos da época (século IV d.C.), preocupados em determinar o dia do nas-

NATAIS DE ONTEM, NATAIS DE HOJE

Paulo F. Dalla - Déa



cimento de Jesus, “descobriram” que João Batista teria nascido em junho, através de cálculos astronômicos. Sendo Jesus seis meses mais novo que João, calcularam o seu nascimento em 25 de dezembro. Justamente no dia da festa do deus-sol romano. Os teólogos cristãos viram nisto a mão da Providência Divina que havia escolhido uma data carregada de simbolismo para Jesus nascer, substituindo e pondo fim aos cultos mágicos e pagãos dos homens.

Não se sabe ao certo qual das duas histórias têm razão. Quem sabe as duas. Ou seja: dificilmente a festa do natal teria “pegado” com tanta rapidez, se não houvesse algum tipo de cálculo que desse uma base possível à historicidade da data.

Os sentidos do Natal

Os místicos cristãos dão três sentidos para o Natal. Segundo eles, há três gerações do Senhor Jesus Cristo:

- a primeira, foi a do Pai que ge-

rou o Filho no seio da Trindade Eterna;

- a segunda, foi a concepção de Jesus Cristo no seio virginal de Maria;

- a terceira, é aquela em que Deus é gerado, pela graça e pelo amor, no Espírito Santo, todos os dias, através das obras que praticamos.

No Natal, comemora-se estas três formas de nascimento do Senhor: na Trindade, em Maria e nos cristãos.

Natal e culto pagão

A festa do Natal substituiu as festas do deus-sol romano. Foi a cristianização de uma festa pagã.

Que pena que hoje assistimos à paganização do nosso querido Natal. O nascimento do Senhor foi substituído por um velhinho de barbas brancas, inventado pelo racionalismo ateu do século passado. Os ateus ingleses e franceses não supor-

tavam a comemoração do Natal e criaram a figura do Papai Noel (baseada na antiga lenda cristã de São Nicolau) para substituir o presépio e o ambiente cristão que reinava. Pois é! Hoje este esforço todo está dando os seus frutos. Colheita de uma árvore anticristã que tem as suas raízes cravadas na história. Produtos puramente consumistas que ameaçam, qual erva daninha, sufocar o sentido cristão do nascimento do Senhor.

Natal cristão hoje

Meu caro leitor cristão, proponho-lhe uma coisa: este ano, ao invés de gastar o seu suado dinheirinho com presentes, roupas e comidas (que lhe podem fazer mal ao fígado e ao bolso), por que não gastar o mesmo dinheiro para dispô-lo a serviço dos pobres? Por que não?

Não se esqueça: “o que fizestes a um dos menores destes meus irmãos, a mim o fizestes” (Mt 25,40) e também “... Deus não escolheu os pobres aos olhos do mundo para fazê-los ricos pela fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam? Vós, porém, desprezastes o pobre.” (Tg 2,5-6)

E ainda há outras passagens que, creio, não precisarei lembrar ao meu amigo leitor. (cfr. Lc. 14,12-14)

Falo isto tudo para que, no Natal deste ano, façamos surgir uma luz. Para que ele faça nascer em nós Jesus.

Em vez de ficarmos gastando nossos cruzados para trocar presentes com nossos familiares e amigos, combinemos com eles uma forma de nos colocar a serviço dos pobres. Com o nosso dinheiro e o nosso tempo. Sem assistencialismos, mas promovendo os pobres a partir deles

mesmos e de suas necessidades, contando com a sua ajuda. Podemos fazer isso de muitas formas. E a imaginação de meus queridos leitores deve ser, nisto, muito boa.

Assim, quando nos reunirmos para festejar todos juntos (nós e os mais pobres que nós) o Natal, lá estará o Senhor. O mesmo que disse que o pobre, a criança, o idoso, o doente seriam a sua presença real no meio do mundo. Aquele mesmo Senhor Jesus que nasceu, viveu e morreu pobre.

Amar o próximo, especialmente o mais pobre e carente de recursos materiais, é ter o mesmo amor que jorra do Coração de Jesus! Só assim Jesus nascerá de novo em nossas vidas, através das boas obras (a terceira forma de geração que os místicos ensinavam, lembra-se?).

A sociedade e nossas famílias precisam ver em nós boas obras. O mundo está carente delas. Pois a maioria das coisas que são divulgadas são más notícias, não boas notícias (Boa-Nova). *O nascimento do Senhor é e deve sempre ser uma contínua Boa-Nova para nós e para todos os povos deste mundo.*

Só assim teremos um Natal cristão: se servirmos Jesus na pessoa e na família dos empobrecidos.

Ah! quase ia me esquecendo: Feliz Natal a você e a todos os de sua casa!

Questões para refletir e conversar em grupo

• *O que é o Natal para a sociedade de hoje?*

• *Deve-se servir ao Cristo-pobre só na época do natal? Como podemos servi-lo durante o ano?*

• *Em nossas famílias, cidades e comunidades, como lançar uma contra-corrente cristã diante de toda essa publicidade consumista do Natal?*

• *Como servir o Cristo-pobre, ultrapassando as barreiras e limites do assistencialismo?*

No princípio era o silêncio

Geraldo Barboza de Carvalho

“**N**o princípio era a Palavra”, diz João Evangelista. “No princípio era a Ação”, diz Goethe pela boca de seu Fausto. “No começo era a Relação”, diz um filósofo do sagrado, que parece estar mais perto da verdade, se raciocinarmos em termos humanos, isto é, históricos, ou seja, espaço-temporalmente.

“No começo era a Relação” implica que no começo havia mais de um: ninguém se relaciona só consigo mesmo. Nem é incompatível a existência real do Deus Único com a multiplicidade de Pessoas divinas, dotadas da mesma unicidade, mistério que atormentou tanto Agostinho de Hipona. Embora o silêncio esteja na Origem primordial de Tudo, Deus viu que não era bom estar só. E do Silêncio primordial do Deus Único, surgiu naturalmente a necessidade da comunicação dialogal e criadora original. O Espírito de Deus foi a primeira invenção divina, para que no Princípio fosse a Relação. Da Relação inicial, surgiu a primeira condição do Diálogo e da Criação. Ninguém dialoga só nem cria ou procria só, nem mesmo Deus. Para conversar e criar é preciso ser ao menos dois.

Donde, realmente, “no princípio de tudo está a Relação,” como primeiro rompimento do Silêncio abissal dos Começos solitários. A Relação inicial necessária explica porque Deus é amor. E criou os homens amorosos, porque primordialmente, foi o Exemplar primeiro e arquetípico de todo amor. Não existe amor sem relacionamento.

Da Relação amorosa primordial nasceu a primeira Palavra: “Eu Te Amo” primordial, que varou os tempos e é pronunciada a cada dia por todos os amantes da Terra, vegetais ou animais. A palavra se fez Natureza e Homem “Deus viu que era bom.” Tão bom que Ele mesmo quis partilhar dessa Natureza e dessa Humanidade, “tornando-se um de nós.”

A Criação, Fruto, também, da Relação divina primordial, é a primeira Ação divina.

Portanto, “no Princípio era a Relação”, da Relação nasceu o Verbo dialogal e criador; do Verbo/Palavra dialogal criadora nasceu a primeira Ação divina e primordial.

Portanto, para nós, no Princípio era a relação. Mas, em termos de Deus o tempo não existe (o Amor vence o tempo). Por isso, não há anterioridade nem posterioridade nos seus universos. Relação, Palavra e Ação são simultâneas em Deus.

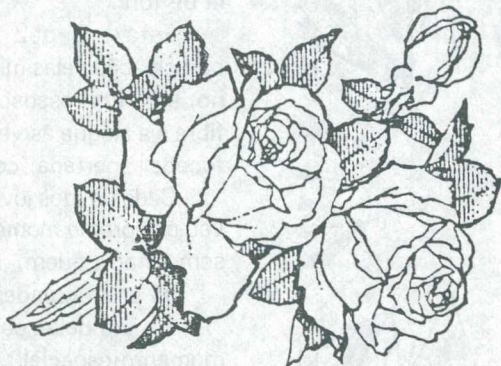
Apesar de tudo, não podemos negar que é no Silêncio que tudo se gera e se multiplica. Sem o silêncio primordial divino não teria havido Relação, nem Palavra nem Ação. Daí se dizer, pedagogicamente: “A palavra é prata, o silêncio é ouro.” Quem não silencia não sabe criar laços, não aprende a falar nem age oportunamente. Só quem ama o recesso do silêncio sabe o que diz; assim, evita dizer o que não sabe.

No Princípio era o Silêncio, Origem da Relação, da Palavra e da Ação, divina ou humana. Mas o Silêncio é contemporâneo da Relação, da Palavra e da Ação.

MARIA

A FILHA PURÍSSIMA DO PAI

Mauro Zequin Custódio, cmf



No dia 8 de dezembro de 1854, Pio IX proclamava solenemente ao mundo que a bem-aventurada Virgem Maria desde o primeiro momento de sua concepção foi preservada imune de toda mácula do pecado original. Com isso o papa definia uma verdade que desde muitos séculos vinha se firmando na Igreja.

Nascida no Oriente, (séc. VII), a festa da Imaculada Conceição foi celebrada pela primeira vez no Ocidente em 1140 (Lião). Em 1546 o Concílio de Trento tratou do tema, mas preferiu não incluir a Imaculada Virgem Maria no decreto relativo ao pecado original. Na história deste dogma, grandes teólogos como São Tomás de Aquino e São Bernardo negaram esta verdade, embora fossem muito devotos de Nossa Senhora. Para que se chegasse à proclamação do dogma da Imaculada Conceição foi determinante a devoção do povo cristão.

Em que argumentação a Igreja se fundamentou para proclamá-lo? O texto base é Gn 3,15, também chamado de "proto-evangelho", onde se menciona a luta da serpente contra a mulher. Deus amaldiçoa a serpente, símbolo do demônio, cu-

jas insinuações induziram Eva ao pecado. A mulher de quem fala o texto é Maria, a Mãe do Redentor futuro. De fato, Maria é a mulher que participa com Cristo da vitória sobre o demônio. Entre o demônio e Maria há uma inimizade absoluta e total, a mesma existente entre Cristo e o demônio. Na verdade esta inimizade é com o pecado. Se assim é, podemos supor que Maria nunca pode ter estado sujeita ao demônio, isto é, ao pecado.

Outro texto alegado é o de Lc 1,28. O anjo saúda Maria como "cheia de graça". Se ela é "cheia de graça" isto quer dizer que Maria jamais foi contada entre os inimigos de Deus. Além do mais a dignidade de Mãe de Deus exige em Maria a isenção do pecado original. Desde sempre Maria estava destinada para ser a Mãe do autor da graça. Deus a preservou tendo presentes os méritos de seu Filho.

Na celebração da festa da Imaculada Conceição contemplemos em Maria a riqueza de graça e pureza que Deus depositou em seu coração. Maria, a puríssima filha do Pai é também a mais santa de todas as mães. Ela é a nossa Mãe! •

AM RESPONDE

O QUE QUER DIZER "IMACULADA CONCEIÇÃO"?

Nosso leitor Ércio Buss, de Curitiba, gostaria de saber em palavras bem simples o que quer dizer a expressão acima.

Caro Érico, quando nós usamos a respeito de N. Sra. o título de "Imaculada Conceição" nós estamos nos referindo ao fato de que ela foi concebida (CONCEIÇÃO) sem a "mancha" (IMACULADA) do pecado original. Ou seja, enquanto que todos os homens e mulheres, até os santos, estão marcados pelo pecado desde o primeiro instante de sua existência (concepção ou conceição), a Virgem Maria já foi concebida inteiramente imaculada.

Nossos irmãos protestantes não aceitam este modo de falar e de pensar, porque isto, segundo eles, significaria que N. Sra. não teria sido objeto da salvação em Jesus. E é claro que isto seria afirmar um grave erro teológico, porque Jesus é Salvador de toda a humanidade

Mas é justamente por isto que a Igreja Católica diz que Maria foi concebida sem pecado "em virtude dos méritos de Cristo". Ela também experimenta a salvação em Cristo. A grande diferença entre ela e nós é que ela nunca esteve debaixo do pecado. Sempre foi "cheia de graça", como é saudada pelo anjo Gabriel. E por quê? Porque foi destinada pelo Pai a ocupar um papel único em toda a humanidade, o de ser a Mãe do Senhor!

Pe. Manoel Müller, cmf.

Dirija suas perguntas a:

AM RESPONDE
A/C Pe. Manoel Müller, cmf
Revista Ave Maria
Rua Martim Francisco, 656
4.º andar
01226 - São Paulo - SP

O B E I J O

José Wanderley Dias

Às vésperas do Natal, aí estavam eles de novo.

Já é uma tradição: tentavam, como sempre, levar, naquela época, um pouco de luz àquela casa que é de sombras; um pouco de alegria àquele reino de tristeza.

Ali estavam eles, os caravaneiros de sempre.

Viram o que ali se vê sempre, apesar do esforço, da dedicação dos que ali estão vocacionalmente, ou funcionalmente, a tragédia de todos os dias. Um dos grandes mistérios da vida, da contingência humana: seres afastados da vida comum.

Vivendo nas escuras cavernas de si mesmos. Não compreendendo; no máximo compreendendo vagamente o que se passa a seu lado. O procedimento ditado mais por instintos confusos que propriamente pelas regras, que lhes não têm sentido algum.

E estão eles e elas. Muitos são apenas sombras que caminham; outros explodem em gestos inacreditáveis de fúria e de violência.

Há os passivos, indiferentes, abúlicos. Vegetam, não vivem.

Mas são seres humanos. Não são coisas, embora se deixem parecer com elas.

Têm, dentro de si, a mesma centelha do infinito, da grandeza da criatura humana.

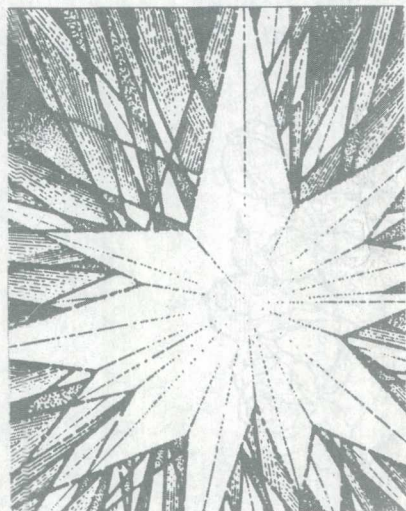
Merecem amor, embora não saibam demonstrar se tem esse sentimento.

Quando se pára perante um deles que chora, ou que sorri com uma certa brandura, não podemos deixar de perceber que, apesar de tudo, ainda restou uma ponte que os leva à ternura, ao carinho, ao afeto.

E o Natal se aproximava.

Também para eles deve chegar a mensagem eterna de paz aos homens de boa vontade, aos homens amados pelo Deus que se fez carne, sangue e dor.

Não se trata apenas de levar presentes materiais, embora estes simbolizem



à lembrança, o não-esquecimento.

O mais importante é dar aos internos a sensação de que há quem se lembre deles. Muitos ali foram jogados, esquecidos, abandonados pelas artimanhas da vida.

Há um dever social de reabilitar o grupo comum, formado pelos que nós dizemos normais.

Esta a grande valia da presença dos visitantes que, auxiliados pelos que ali trabalham, levam o Natal onde havia e há tanta amargura.

Houve o lado religioso, na cerimônia que o jovem sacerdote celebrava, por intenção daqueles que têm direito, mais que ninguém, a esse conforto e a essas graças.

Ali se confirmava, mais uma vez, a sábia lição de que "é dando que se recebe".

Pois os que levavam sua presença amiga e seus presentes, eram os que mais ganhavam: em experiência, em conhecimento, em comparação.

Vendo o que passam os irmãos, gente como nós, ficamos mais agradecidos pelas bênçãos, pela felicidade de que desfrutamos.

E ali estavam, papais-noéis século XX, os casais e os jovens.

Principalmente os moços vivem ex-

periências inesquecíveis. Levando alegria, vêem que nem sempre ela está no bulício, na confusão, na trepidante vida lá de fora.

Está na paz interior, na co-participação pelas misérias do ser humano, está em ressuscitar, em alguém, a fibra e a alegria às vezes já morta ou sufocada, apertada, constrangida.

Cada um dos jovens ali presentes viveu o supremo momento de fazer o bem sem olhar a quem.

Já eram grandes as emoções.

E a um deles coube uma lição, um momento especial.

Abrçou, amigo, um dos internos, com fraternidade, espírito de Natal, de solidariedade, de compreensão.

Aquele rosto, dantes inexpressivo pela doença mental, ganhou de repente uma nova luz. O ríctus nervoso desenhou um sorriso. A expressão agressiva tornou-se acolhedora, reconhecida.

Não sabia falar direito. A voz continuou um ronco, um rugido.

Mas nela havia reconhecimento, uma volta de antigas e belas emoções perdidas.

Não podendo falar direito, pegou a mão do moço que lhe fizera bem, que o abraçara amigo.

E, nela deu um beijo, em que pôs todo o seu desejo de agradecer, de dizer sim, de mostrar que compreendera.

O jovem levou um susto. Mas logo depois, ou simultaneamente, mediu a grandeza do gesto do que chamaríamos de limitado, de anormal, de doente, sei lá o quê.

Naquele instante, era um irmão, não havia diferença alguma.

E o beijo chegou ao coração do moço.

Que deixou cair uma lágrima de emoção e de ternura...

Que nunca mais irá esquecer o que ganhou quando pensou que estava levando presentes para uma casa de sombras e para quem não sabia o que estava recebendo...

Alegrai-vos! É Natal

Côn. José Geraldo Vidigal de Carvalho



Emoção básica do homem é a alegria. Este estado de ânimo, fator que muito contribui para a saúde física, é algo desejável, embora nem todos vivam nela imersos. Gera benefícios a quem a possui e à sociedade, pois está sedimentada, filosófica ou teologicamente, quer numa fagueira expectativa quer na posse de um bem apetecível.

Dela emanam otimismo, segurança, equilíbrio e paz.

Dupla a fonte da letícia: tudo que Deus colocou de bom neste mundo e as realidades sobrenaturais.

Os júbilos provenientes da natureza são transitórios, efêmeros, pois não se trata de uma satisfação integral e sua duração é limitada.

Através da revelação, porém, se entra na posse de uma riqueza eterna, donde advem exultação perene. A essência deste gáudio é a união profunda com o Criador, fonte in-

finda do gozo sem fim. Donde a ditatriz paulina: “Alegrai-vos sempre no Senhor. Digo de novo: Alegrai-vos” (Filip. 4,4).

Trata-se da fruição divina, do que resulta beatitude completa. A total adesão a Deus ocasiona a serenidade intensa a qual inebria na eutímia.

Gozar a vida é o anelo profundo de todo ser racional. Nem sempre isto se dá, porque, fora dos planos do Senhor do Universo, pode haver gozo aparente, mas nunca aquela quietação que emerge na feliz consecução de um fim alcançado.

Todos os excessos ou qualquer mau uso da natureza só traz transtornos de toda ordem. É que a alegria surge do estado satisfeito das potências. Estas só se satisfazem se exercitam seus atos próprios. É o que se dá, por exemplo, com os cinco sentidos, cuja finalidade específica é

bem definida e supõe objetos adequados para que atinjam plenamente a finalidade para a qual foram criados.

Todo ato antinatural, fatalmente, irreversivelmente, leva a anomalias e deixa infinitas seqüelas. Adite-se que, quando todas as fibras do coração não estão unidas a Deus, também não há a plenitude do gáudio.

H. Volk assevera com razão: “A destinação do homem para a alegria culmina na alegria de Deus; porque o homem está imediatamente orientado para Deus”. Aliás pondera o salmista: “Feliz o homem que põe seu prazer na lei do Senhor e a medita dia a noite” (1,2). O Livro dos Provérbios faz esta assertiva: “O justo corre alegremente” (29,6).

Cristo veio ao mundo para que, um dia, na visão beatífica os homens gozassem da felicidade do próprio Deus. Tal, essencialmente, sua mis-



são salvífica. Todo mistério soteriológico se cifra nisto. Aos Apóstolos ele falou: "Disse-vos estas coisas para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa" (João 15,11). São Paulo que vivia tão intimamente aderido a Cristo aconselhava aos tessalonicenses: "Sede sempre alegres. Orai sem cessar. Em todas as circunstâncias, dai graças" (1 Tes. 5,16-17).

Este júbilo transbordante é consequência do convívio com o Salvador. Este contato faz entrever perspectivas de júbilo eterno, do qual é antegozo esta intimidade com o Filho de Deus.

Todo o Evangelho está impregnado do sentimento de uma alegria profunda. O nascimento de Cristo que estamos comemorando se dá num clima de intenso júbilo. Aos pastores o anjo diz: "Não temais; porque eis que vos anuncio uma grande alegria que terá todo o povo. Nasceu-vos na cidade de Davi o Salvador, que é Cristo Senhor", (Lc 1,10-11).

Ele veio para inaugurar na terra o Reino de Deus no qual se realizam os mais recrescentes desejos humanos. Ele afirmou a seus discípulos: "Alegrai-vos porque vossos nomes estão escritos no céu" (Lucas 10,20).

O contentamento do cristão vem, além disto, da certeza de que é amado pelo Filho de Deus que se fez homem para sua redenção. Ele declararia: "Eu sou o bom Pastor, e conheço as minhas (ovelhas) e as minhas (ovelhas) conhecem-me." (João 10,14).

A alegria é, por tudo isto, uma marca característica da Igreja de Cristo. Este júbilo se irradia muito mais intensamente por toda parte na festa natalina, exatamente porque, com o Verbo de Deus Encarnado, foram abertas as comportas da alegria para todos os homens.

Observe-se que, como o gáudio é de si comunicativo, todas as vezes que os fiéis se encontram para orar, reunidos para o culto divino, esta alegria cresce. É o que se nota nas celebrações litúrgicas. Realiza-se o que Cristo falou: "Porque onde se acham dois ou três congregados em meu nome, aí estou no meio deles" (Mat 18,20). Sente-se então ainda mais vivamente a presença do Redentor ao qual todos se unem e daí ondas de júbilo a envolverem os corações.

Acrescente-se que a alegria está tão enraizada na mentalidade do epígono de Cristo que nada a pode arrancar. Como afirmava São Paulo, "tristes, mas sempre alegres" (2 Cor 6,10).

Nas tribulações, Cristo anima o crente e o faz jubiloso. Esta alegria tem assim origem superior e supera todos os obstáculos.

A exultação que jorra do presépio terá sua consumação na glória eterna: "Aleluia, porque tomou posse do seu reino o Senhor nosso Deus onipotente. Alegremos-nos, e exultemos, e demos-lhe glória, porque chegaram as bodas do Cordeiro, e (a Igreja) sua esposa está ataviada" (Apocalipse 19,1-4).

Para usufruir, porém, em plenitude a alegria do natal e conservá-la sempre, cumpre seguir a diretriz do autor da Imitação de Cristo: *Habe bonam conscientiam et habebis semper laetitiam* — Tende boa consciência e tereis sempre alegria. •

O MENINO PROCURADO

Pe. André Carbonera, cmf

O ano corria rapidamente.

Ao fim de cada jornada, o cansaço aumenta. Fato normal para quem trabalha e luta.

Ainda bem que existe o sono! Durante um gostoso dormir, sonhei.

Vi-me junto a duas crianças. Elas me disseram:

— Moço, venna conosco. Não fale. Não pergunte. Apenas, venha.

Em meu íntimo, questionava-me:

— Que anda aprontando esta duplinha?...

Porém, fiquei na minha.

Chegamos a um bar. Havia muita gente, muita.

O dono:

— Vocês querem alguma coisa?

— Nós procuramos o Menino Jesus.

Espanto geral.

— ??????!!!!

— Ah, que brincadeira é esta! Lugar de Menino Jesus é na igreja...

De mansinho e tristes, as duas crianças foram saindo... Eu, junto.

Entramos num restaurante. Muito rico, muita comida, muita bebida, muita piada, muito namoro disfarçado.

Um garção se aproximou:

— Oi, gurizada, querem almoçar?

— Não, nós procuramos o Menino Jesus.

— O quêêêê?!... Me-ni-no Jesus, aquiííí?... Estão brincaaannndooooo!?

Ficou bem sério.

— Não tenho tempo para perder. Saiam...

Tristemente, as crianças deixaram o restaurante.

Ingressaram num supermercado.

Era a hora do pique. Muita conversa, muita correria, um vaivém da-



nado. O menino e a menina até se espantaram. Olharam-me.

— Noooooosaaaa! Quanta gente!

Procuraram o gerente.

— Algum problema?

— Sim... Não... Nós andamos à cata do Menino Jesus!

— Menino Jesus, aqui, num supermercado? Não me venham com gozação! Qual é a de vocês, hem? com licença.

A duplinha se afastou dali.

— Será que ninguém gosta de Jesus?

Eu, só na escuta e andando.

As crianças estiveram numa loja; num instituto de beleza; numa oficina mecânica; numa padaria.

A pergunta era sempre a mesma: — Procuramos o Menino Jesus.

A resposta, igualmente, era a mesma: — O Menino Jesus não se encontra aqui.

O menino e a menina pararam um pouco. Estavam cansados. Eu, também. Pensaram. Trocaram idéias.

Dirigimo-nos a um hospital.

— Oi, enfermeira, onde está o Menino Jesus? Ninguém nos mostra.

— O Menino Jesus? Venham. A moça nos levou a uma enfermaria. Apontou para os doentes. Por sinal, velhos e sofridos.

— Crianças, o Menino Jesus está aqui. Ele se encontra em cada um dos pacientes, sobretudo, nas crianças. O Menino Jesus tem paixão pelas crianças, sabiam?

As duas criancinhas se olharam. Lágrimas de alegria, lágrimas de ânimo foram caindo...

Em seguida, fomos a uma creche, por sinal, bem pobre.

— Diretora, procuramos o Menino Jesus.

— Beleza, vocês querem encontrar o Menino Jesus? Vocês têm razão: Natal sem o Menino Jesus não é Natal.

A responsável pela creche reuniu um grupinho de crianças.

Sorrindo, comentou:

— Eis, aqui está o Menino Jesus, ao vivo e a cores. Contentes agora?

As duas ilustres pesquisadoras

abraçaram todas as crianças, uma por uma. Abraçaram e beijaram. A cena foi emocionante.

Dáí, visitamos um asilo. Muita gente sob o peso dos anos.

— Senhora, nós gostaríamos de encontrar o Menino Jesus.

Colocaram-nos diante de vários idosos. Quanto sofrimento!

— Viram, crianças, o Menino Jesus se encontra em cada uma destas pessoas. É um Jesus sofrido e abandonado. Porém, Jesus. Dá para vocês entenderem, crianças?

Como resposta, meus cicerones se penduraram no pescoço dos velhinhos e choraram, choraram...

A garotinha e o garotinho ficaram entusiasmados. A alegria de seus coraçõezinhos extravasava incontinentemente.

Entre si, comentavam:

— Se o Menino Jesus vive nas pessoas, por que tantos não conseguem encontrar o Filho de Maria?

A menina acrescentou:

— Maninho, coisas de gente grande!

Silêncio.

— O Menino Jesus deve sofrer muito.

— Sim, mana, principalmente, quando as crianças e os idosos são maltratados.

Confesso que eu me encontrava encantado com as duas crianças. Encantado e louquinho para falar.

Quando pretendia intervir, o despertador funcionou, bem na horinha.

Contudo, valeu, valeu o sonho.

Sem dúvida, quando os homens, especialmente as crianças, sofrerem menos, Jesus será mais amado e o Natal será mais Natal.

Insistimos: Natal, sem o Menino Jesus, não é Natal.

Psit, você já se encontrou com o Menino Jesus? •

MARIA, MÃE E VIRGEM NA VIDA DA IGREJA

José C.R. García Paredes

“Bem-aventurada me chamarão todas as gerações” (Lucas 1,48). Estas palavras proféticas manifestam uma grande ousadia. São Palavras que não ficaram aí, apenas no texto evangélico, como uma profecia não-cumprida. Vinte séculos de história manifestam sua verdade.

Maria foi honrada e venerada por milhares e milhares de fiéis através do tempo e não há sintomas de que tal veneração chegue a um fim. É claro que “a acolhida” que se dispensou a Maria em nossa história faz parte de sua verdade, de sua identidade. Não só o discípulo amado a acolheu como mãe.

Também a Igreja, a quem o discípulo amado representava, acolheu Maria como alguém indeclinavelmente seu, como seu protótipo, seu modelo. E, por isso, a Igreja contempla Maria de modo especial. Nela tem pensado, a tem venerado e lhe tem prestado culto. Este é o tema que trataremos neste artigo motivados pela “Redemptoris Mater” (RM) de João Paulo II.



As “duas mães”: Maria e a Igreja

“Maria é para a Igreja um ‘modelo perene’” (RM, 42). Em Maria a Igreja descobre-se a si mesma; encontra sua própria verdade. Como Maria, “também a Igreja é chamada mãe e virgem” (LG, 63; RM, 42). Estes dois nomes têm uma “profunda justificação bíblica e teológica” (RM, 42). Meditemos, em primeiro lugar, sobre a *maternidade*.

Jesus disse a seus discípulos que

ele era a videira e eles os ramos. Juntos formavam uma vinha, que dava frutos abundantes, permanecendo eternamente (João 15,5). Partindo da imagem da vinha e de outras paralelas citadas na Escritura, os cristãos logo se convenceram de que a Igreja é uma esposa, a qual, unida a Cristo, é a *mãe* dos homens para a vida eterna, “a Jerusalém de cima, *nossa mãe*” (Gálatas 4,26). A mãe não suscita a vida à maneira de um artista que fabrica um objeto exterior a si mesmo; a criança nasce da substância vivente de sua mãe. Para ser mãe, a Igreja necessita de

entranhas maternas, que lhe permitam conceber, gostar e dar à luz na fé. E necessita também de uma “outra força” que a faz fecunda. Esta força é a palavra do espírito. A fé “só” nasce da palavra e do espírito, ou da palavra vivificada pelo Espírito. “O Espírito apropria, personaliza, penetra na palavra para que possa germinar no próprio coração do homem” (R. Blázquez). Para ser mãe, a Igreja deve guardar e meditar em seu coração a palavra, animada pelo Espírito. A Igreja só concebe pela força da palavra e pela obra do espírito. A Igreja “se faz também mãe mediante a palavra de Deus aceita com fidelidade” (LG, 63).

“Pela pregação e pelo batismo, a Igreja engendra para uma nova e imortal vida todos os filhos concebidos pelo Espírito Santo e nascidos de Deus” (LG, 64). O batismo é o grande sacramento da maternidade da Igreja. A água batismal e a palavra criadora de Deus são os símbolos de sua fecundidade. Pela palavra e pelo Espírito, Deus Pai engendra seus filhos. Mas os engendra na mãe Igreja. Quando a palavra é aceita, o Espírito manifesta sua força. E ali nasce um fiel, um filho da Igreja. O “discípulo amado” só receberá o Espírito, emanado do seio do Messias, “se chegar a ser filho da ‘mulher’, que é, por sua vez, Maria e, por extensão, a Igreja. Para receber o Espírito de Jesus, é preciso ser filho de Maria, filho da Igreja” (I. de la Potterie).

É clara a afinidade entre a Igreja-mãe e Maria-mãe. “Pode-se afirmar que a Igreja aprende também com Maria a própria maternidade; reconhece a dimensão materna de sua vocação, unida essencialmente à sua natureza sacramental... Se a Igreja é sinal e instrumento da união íntima com Deus, isto ocorre por sua maternidade, pois, vivificada pelo Espírito, ‘engendra’ filhos e filhas da família humana para uma nova vida em Cristo. Pois, assim como Maria está a serviço do mistério da encarnação, também a Igreja per-



manece a serviço do mistério de adoção dos filhos por meio da graça” (RM, 43). Tal é a afinidade entre a Igreja-mãe e a Virgem-mãe que os santos padres relacionavam a p a batismal com o seio virginal de Maria: “Para todo homem que renasce, a água batismal é uma imagem do seio virginal que o fecunda, na fonte do batismo, como o próprio Espírito Santo fecundou a virgem” (S. Leão Magno).

A Igreja aprende com Maria a ser mãe. Maria foi a origem da natureza humana do redentor, não só a partir de seu corpo, mas também de seu espírito. Maria engendrou seu filho num ilimitado “sim” à proposta de Deus, com uma disponibilidade sem limites à vontade do Pai, com um amor sem fronteiras. Maria, enquanto imaculada, pôde oferecer a Deus um “sim” totalmente inocente, sem sombra alguma de pecado ou vacilação. Mais tarde, sua fé de discípula de Jesus, depois da provação da cruz, converte-se em fé maternal, fé da mãe do “discípulo”. A Igreja reconhece em Maria sua mais perfeita imagem. Como ela, quer dizer um “sim” total à palavra. Como ela, engendra filhos pela pregação e pelo batismo, não tanto exercendo uma função, mas vivendo numa atitude mística de união de amor com Deus Pai.

A Igreja sabe que será mais fecunda quanto mais unida estiver a Jesus Cristo e a seu Espírito. A partir dessa união, a Igreja evangeliza.

“Na evangelização, não existe a fecundação *in vitro*. Aprende-se a crer convivendo, ouvindo, *compartilhando*.” A Igreja evangeliza não só com sua ação, mas principalmente com sua irradiação. Irradiar é seu primeiro apostolado. É mãe fecunda quando “vive no Espírito”. É mãe, sobretudo, por seu estilo de vida, como Maria.

As “duas virgens”: Maria e a Igreja

“Ao mesmo tempo, a exemplo de Maria, a Igreja é a virgem fiel ao próprio esposo: ‘também ela é virgem que guarda pura e integralmente a fé prometida ao Esposo’ (LG, 64)” (RM, 43). A Igreja é a esposa de Cristo (Efésios 5,21-33; II Coríntios 11,2), “a esposa do Cordeiro” (Apocalipse 21,9). A Igreja-esposa está indissolivelmente unida a Jesus Cristo, seu esposo. Jesus fez ela uma aliança eterna, aliança que foi selada com seu sangue-vida-derramado e expressa na doação total de seu corpo. A Igreja, por sua vez, deve corresponder ao esposo através de uma fidelidade total. Ela é chamada a ser a *esposa fiel*. A fidelidade é a exigência básica de toda aliança matrimonial. A fidelidade é também o sinal da total doação a Deus no celibato pelo Reino dos céus, quer dizer, da virgindade consagrada a Deus (RM, 43). Jesus Cristo é o esposo virgem que, indissolivelmente unido com sua esposa, a Igreja, pede-lhe fidelidade virginal. Paulo queria expressar exatamente isso à Igreja de Corinto, quando dizia aos irmãos a ela pertencentes: “Estou com ciúme de vocês, com ciúme de Deus. Pois eu os casei com um só esposo para apresentá-los a Cristo como uma casta virgem” (II Coríntios 11,2).

A Igreja conserva sua virgindade quando não faz alianças com “outros senhores” e não dá ouvidos às reclamações de não poucos ídolos que tentam seduzi-la. A fidelidade da Igreja-esposa em sua condição

peregrinante está submetida à história de sua fraca liberdade. A Igreja não prescinde de sua fidelidade ao Senhor. Está sempre alerta ou é alertada para não cair na infidelidade que constantemente a ameaça. Os santos padres reconheceram, sobretudo a partir de santo Agostinho, que a absoluta fidelidade da Igreja não será uma realidade alcançada neste mundo. A dialética entre a Igreja pura e sem mancha e os homens, comunidades e instituições que a formam não será superada até a plena e definitiva manifestação da graça. A Igreja é esposa infiel, em seus filhos. Vale a pena evocar aqui um precioso e inquietante texto de santo Agostinho (*Sermão 113,7*): “A santa Igreja somos nós. Vamos então honrá-la como a verdadeira esposa daquele marido. E o que digo? Grande e singular é a benevolência do esposo; encontrou uma prostituta e fez dela uma virgem. Ela não negará que era uma prostituta, para não esquecer a misericórdia do libertador. E como poderia não ter ela sido prostituta, se corria atrás de ídolos e demônios? Aviltamento do coração havia em todos: em alguns puramente da carne; mas em todos, do coração. Cristo veio e a transformou em virgem. Na carne, a Igreja tem poucas virgens consagradas; na fé, precisa ter todos como virgens, tanto homens como mulheres. A Igreja é, pois, virgem; é virgem e deve ser virgem. Deve, portanto, guardar-se do sedutor, para que não encontre nele um corruptor”. E o próprio concílio Vaticano II insiste nesta perspectiva quando afirma: “Na debilidade da carne, a Igreja pode se ver diminuída na fidelidade absoluta como esposa do Senhor, sem a ajuda da graça” (LG, 9). E, em outro lugar: “Ainda que a Igreja, pela virtude do Espírito Santo, tenha-se mantido como esposa fiel a seu Senhor e nunca tenha cessado de ser sinal de salvação no mundo, ela sabe, sem dúvida, e muito bem, que nem sempre, ao longo de sua prolongada história, foram todos seus membros, clérigos ou leigos, fiéis ao

Espírito de Deus. A Igreja sabe também que, ainda hoje, é grande a fragilidade humana dos mensageiros a quem está confiado o Evangelho” (GS, 43).

A Igreja aprende de Maria a ser *virgem fiel* ao único esposo. A *Redemptoris Mater* afirma que o “consentimento de Maria para a maternidade é sobretudo fruto da doação total a Deus na virgindade” (RM, 39). Virgindade é a palavra que expressa a doação total, de corpo e alma, a Deus. “No amor verdadeiro — dizia Nietzsche — a alma envolve o corpo”. A virgindade é o amor total da pessoa a Deus, que arrebatada em seu êxtase o próprio corpo. Nesse sentido, a encíclica continua dizendo: “Maria aceitou a eleição para mãe do filho de Deus guiada pelo amor sponsal que ‘consagra’ totalmente uma pessoa humana a Deus. Em virtude desse amor, Maria desejava estar sempre e completamente ‘entregue a Deus’, vivendo a virgindade” (RM, 39).

A Igreja é virgem, como Maria, quando presta um consentimento total à palavra, quando se entrega sem reservas ao Senhor, como sua serva, quando seu amor a Deus, que se enraíza no coração, envolve todo o seu corpo, quando conserva virginalmente a fé íntegra (LG, 64).



A Igreja, mãe e virgem com a cooperação de Maria

Maria não é unicamente o modelo, a figura da Igreja. É muito

mais do que isso (RM, 44): “a maternidade da Igreja é levada a cabo não só segundo o modelo e a figura da mãe de Deus, mas também com sua ‘cooperação’” (RM, 44). Durante o Concílio, Paulo VI proclamou solenemente que “Maria é mãe da Igreja”, quer dizer, não de todo o povo de Deus. No “credo do povo de Deus” (1968), ele confessou: “Cremos que a santíssima mãe de Deus, a nova Eva, mãe da Igreja, continua no céu sua missão maternal para com os membros de Cristo, cooperando para o nascimento e o desenvolvimento da vida divina nas almas dos redimidos” (RM, 47).

Esta cooperação de Maria, que faz a Igreja ser ela mesma, é sua mediação materna, seu materno amor com o qual coopera para a geração e educação de filhos e filhas da mãe Igreja (RM, 44). É uma maternidade que “implora o dom do Espírito Santo, o qual suscita os novos filhos de Deus, redimidos mediante o sacrifício de Cristo: aquele Espírito que, junto com a Igreja, Maria também recebeu no dia de Pentecostes” (RM, 44).

Sem deixar de ser Igreja, Maria exerce nela uma função em sua permanente eclesiogênese. Ali, onde a Igreja se origina, aparece carismaticamente sua presença misteriosa, materna. Esse é o testemunho dos fiéis, das comunidades, das igrejas particulares. Maria faz parte, de modo extraordinário, dessa Igreja que colabora com Cristo em sua permanente regeneração.

A entrega filial a Maria

Às palavras de Jesus, “Mulher, aí está seu filho”, correspondem aquelas outras palavras de Jesus para o discípulo: “Aí está sua mãe”. Se o dever da mãe é preocupar-se com o filho, o dever do filho é acolher a mãe a fazê-la parte integrante de seu próprio mundo. A maternidade se estabelece de forma totalmente única entre mãe e filho. Uma autêntica mãe assume formas diferentes

com cada um de seus filhos. A cada um deles o chama por seu nome. A cada um se entrega totalmente, mas de forma diversa. “É essencial à maternidade a referência à pessoa. A maternidade determina sempre uma relação *única e irrepitível* entre duas pessoas: a da mãe com o filho e a do filho com a mãe. Mesmo quando uma mesma mulher é mãe de muitos filhos, sua relação pessoal com cada um deles caracteriza a maternidade em sua própria essência. Cada filho é engendrado de um modo único e irrepitível e isto vale tanto para a mãe como para o filho. Cada filho fica envolvido, do mesmo modo, por aquele amor materno sobre o qual se baseia sua formação e amadurecimento na humanidade” (RM, 45).

Esta reflexão serve de chave para entender a única e irrepitível relação que se estabelece e deve ser estabelecida entre Maria-mãe e cada um dos fiéis. A analogia entre a maternidade física e a maternidade espiritual é sumamente válida. E o Papa acrescenta uma observação, que talvez a não poucos tenha passado despercebida. Por que Maria é confiada como mãe, não a todos os discípulos em geral, mas apenas ao “discípulo amado”? A encíclica responde: “nesta luz se torna mais compreensível o fato de que, no testamento de Cristo, junto ao Gólgota, a nova maternidade de sua mãe tenha sido expressa no singular, referindo-se a um homem” (RM, 45). Por isso, com cada um dos fiéis Maria mantém uma relação materna absolutamente peculiar. Todo fiel recebe de Cristo Redentor o dom de Maria-mãe: “um dom que o próprio Cristo faz pessoalmente a cada homem” (RM, 45). Que Maria exerce essa função materna com entrega e solicitude extraordinária já foi revelado milhares e milhares de vezes por testemunhos de cristãos através do tempo e do espaço.

À mãe que nos foi confiada como um dom, devemos portanto corresponder. Maria deve “ser acolhida” como mãe e cada um dos fiéis

deve sentir-se “seu filho”. O filho tem de relacionar-se intimamente com a mãe, “entregar-se” a ela. “A entrega é a resposta ao amor de uma pessoa e, de forma concreta, ao amor da mãe” (RM, 45). A atitude do discípulo amado, entregando-se a Maria, deve encontrar continuidade na Igreja, enquanto comunidade, e em cada um dos fiéis. “Entregando-se filialmente a Maria, o cristão ‘acolhe dentro de si’ a mãe de Cristo, introduzindo-a em todo o espaço de sua vida interior, quer dizer, em seu ‘eu’ humano e cristão” (RM, 45).

A encíclica não fala da “consagração” a Maria. Prefere aquela outra expressão, muito mais compreensível e fundamentada na palavra de Deus, de “confiança”, “entrega filial”.

Quem se entrega a Maria percebe que ela o remete imediatamente a Jesus: “Façam o que ele mandar”. Jesus é para Maria “o caminho, a verdade e a vida”, é o enviado do Pai. Maria sabe que é sua “serva”. Maria leva seus filhos a descobrir a “insondável riqueza de Cristo” (Ef 3,8).

Maria, mãe-esposa-virgem, é para a Igreja e para cada um dos cristãos o modelo, a imagem daquilo para o qual foram chamados a ser. Como dizia Paulo VI: “A Igreja encontra em Maria a mais autêntica forma de perfeita imitação de Cristo” (discurso de 21 de novembro de 1964).



A verdade sobre Maria coincide com a verdade sobre a Igreja. A ortodoxia mariana é uma ortodoxia eclesiológica e vice-versa. Cada um dos fiéis conhecerá melhor o projeto de Deus contemplando Maria, relacionando-se com ela, acolhendo sua maternidade espiritual. Quando Maria falta na própria experiência espiritual, algo sintomático está faltando. Maria não é tudo, mas é o símbolo da totalidade. Com ela aprendem os esposos cristãos o mistério do matrimônio. Com ela as pessoas “consagradas” entendem o mistério e o valor da virgindade, pobreza e obediência. Com ela os ministros ordenados captam como o anúncio da fé, sem a vivência interior da mesma fé, é a palavra exterior, desprovida de força espiritual.

Se a Igreja não compreendesse Maria, estaria dizendo com isso que não se compreende a si mesma. Se a Igreja não venerasse Maria, indicaria com isso que não se dá valor nem reconhece o dom de Deus. Em Maria e através dela, a Igreja deve voltar a perguntar-se: que é ser mulher? Qual é a função da mulher dentro da história da salvação? O reconhecimento de Maria pela Igreja não é falso, na medida em que se reconhece, da mesma maneira, a função da mulher fiel a Deus em Maria. Qualquer mulher que crê tem vocação, como Maria, para ser uma “nova Eva”, mãe dos que vivem, que crêem. Não se deve esquecer que Jesus, segundo o quarto evangelista, se dirigiu à sua mãe chamando-a “mulher!”, como o fez com a samaritana e Maria Madalena. Assim, a verdade sobre Maria, que não seja ao mesmo tempo verdade sobre a mulher, é uma verdade dividida. Portanto, o Papa está muito certo ao prometer que o tema da feminilidade será aprofundado em outra ocasião (RM, 46). •

(José Cristo Rey García Paredes é sacerdote claretiano, professor de ecologia e diretor da revista “Vida Religiosa” em Madri — Espanha).

DE ONDE NOS VEM A SORTE DA VISITA DO SENHOR?

Frei Clarêncio Neotti, O.F.M.



José e Maria saem de Nazaré, na Galiléia, e perfazem um trajeto de 180 quilômetros para ir à terra de suas origens, Belém, onde nascera o rei Davi, do qual ambos descendiam. Belém era pequenina. Ficava a apenas 7 km de Jerusalém, a capital da Judéia; era o último povoado antes de se entrar no deserto. Mas sobre ela havia uma profecia de Miquéias, feita 715 anos antes de Cristo, que previa sair de Belém o rei que governaria os povos com a força de Deus e daria ao Senhor Altíssimo toda a glória e seria a personificação da paz na terra (Mq 5, 1s).

E foi em Belém que Jesus, concebido em Nazaré da Galiléia, nasceu na noite que passou a se chamar "Noite de Natal". Palácio nenhum era suficiente a Ele, rei do céu e da terra. Nasceu no meio da noite, à beira do caminho, numa gruta de pedra, onde se abrigava um boi de arado que, nesta noite, recebeu a companhia do burro de carga de José e juntos representaram todos os

animais irracionais. Se falasse o burro, se falasse o boi, eles diriam o que já exclamara santa Isabel: "De onde nos vem a sorte da visita do nosso Senhor?"

A mesma pergunta brota de dentro do nosso coração na noite de Natal: "De onde nos vem a sorte, a bênção, da visita do nosso Senhor?" Ele vem de Deus, porque é Deus eterno e Senhor dos senhores, mas vem do ventre consagrado de Maria de Nazaré, porque quis assumir nossa contingência, nosso tempo, nosso espaço e nossa pobreza. Adoramos nessa noite um Deus feito homem. Adoramos nessa noite um homem-Deus. É um mistério de fé: duas naturezas — a divina e a humana — numa só pessoa: Jesus, que o Pai escolheu — e por isso se chama o Cristo —, para salvar e divinizar os homens, sem tirá-los de dentro de sua história, sem dispensar os homens do esforço e da liberdade de escolher entre a graça e a desgraça, entre a bênção e a maldição.

È diferente. Bem diferente daquele primeiro.

Depois de peregrinar de porta em porta, e do não de todos no rosto e no gesto, em resposta, restou a periferia. O abrigo de animais e a mangedoura, no escuro da noite fria. Palhas e estrume de gado espalhados no chão. O desconforto total. Ninguém perto. A solidão.

Uma jovem grávida prestes a dar à luz. O esposo e fiel companheiro desfiando angústias, coração apertado, sem nada poder fazer.

Assim Deus planejou para nascer entre os homens. E assim foi recebido. Melhor, nem foi recebido. E é João no seu Evangelho quem o afirma: "Ele veio para o seu próprio povo, mas a sua gente não o recebeu." Aí está.

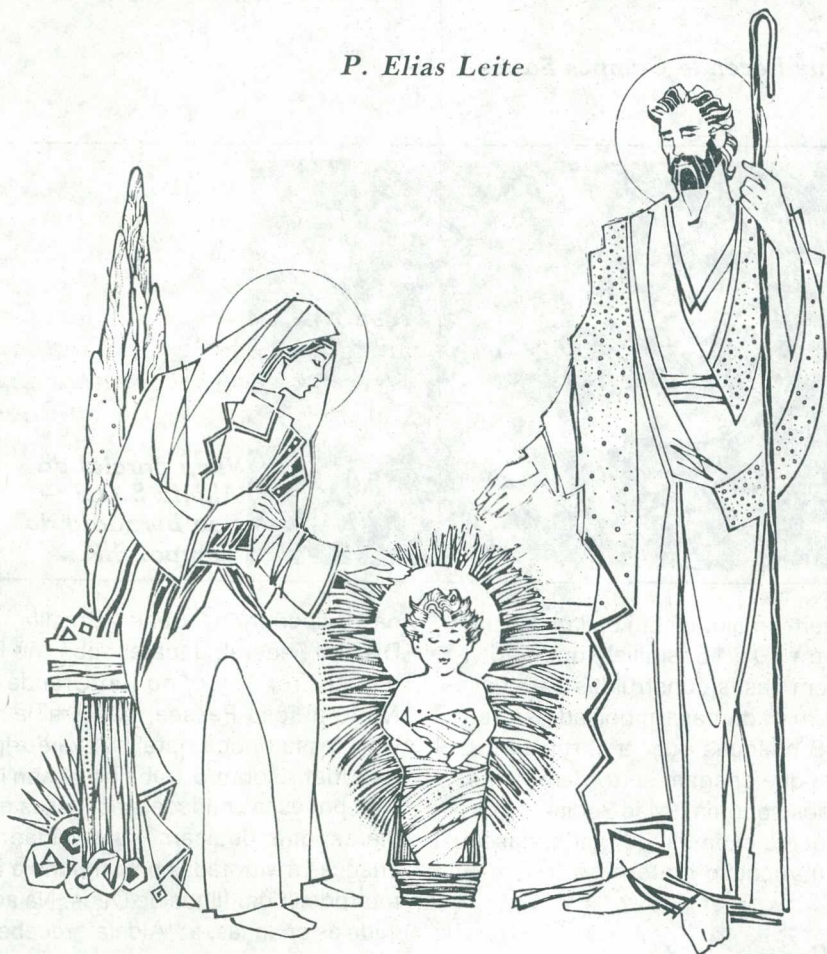
Por isso é que digo. Foi diferente dos natais que celebramos e até mesmo dos presépios e celebrações que hoje fazemos para o lembrar.

Mas, é ainda João, o repórter de Deus, quem acrescenta: "Alguns, porém, o receberam e creram nele." Os primeiros dentre esses "alguns" estão os pastores, gente do campo, das cercanias de Belém, humildes e pobres criaturas como ainda os de hoje que o recebem e nele acreditam.

O resto é Belém, a cidade superlotada, sem lugar nem amor para ninguém mais. Nem o Filho de Davi, seu rei. Nem o Filho do Homem, seu Deus. Como o coração de tanta gente nos nossos Natais.

O NATAL QUE CELEBRAMOS

P. Elias Leite



As celebrações do Natal evoluíram no tempo, fixando-se na ternura e criatividade dos presépios ou lapinhas, a partir de Francisco de Assis. Porém, a festa do Natal vem se desfigurando na história e tornando-se para uma grande maioria de crentes e descrentes em evento social. As ceias de Natal. Os presentes de Natal. Os comerciais cartões de Natal. As árvores de Natal. O Papai Noel. Os enfeites de rua, que em muitos lugares já ficam à espera do Carnaval. Os bailes de Natal, onde Jesus jamais teria nascido... etc.

Sem falar dos que festejam o "seu" Natal sem saber

quem nasceu. Aliás, para esse tipo de festa é até melhor não saber mesmo. Ficaria muito sem jeito.

A tradicional e tão poética Missa do Galo, com o repicar dos sinos à meia noite, já cedeu lugar a horários convencionais. E celebra-se então a Missa do galo das 10, do galo das 9 e por aí a fora. É ou não é?

Mudou o Natal. Mudaram. O que há de Natal verdadeiro, o do Menino Jesus de Belém, são mesmo os natais de cada dia nos presépios das malocas, das favelas, dos sem-casa e sem-terra, sem lugar pra nascer e viver. E nem faltam

os herodes que, também alí estão aplicando a matança dos inocentes.

Os natais desta triste realidade são os que não deviam acontecer para serem lembrados. Mas, infelizmente, acontecem na ausência de amor e na teimosia da vida.

A família cristã precisa hoje restaurar o verdadeiro Natal. Celebrá-lo num sentido de fé, com a alegria espiritual das coisas de Deus. O Natal nos lembra o infinito amor de um Deus que se fez um de nós, para conosco viver e realizar o mistério da salvação do homem. O Natal é a realização, na vida, do anúncio do Anjo a Maria. É a vinda do Salvador. A comemoração deste acontecimento deve ter este mesmo clima de Fé e de alegria espiritual.

E a celebração do Natal cristão só será restaurada através das crianças, pela família. As criancinhas têm não só a sensibilidade mas também a identificação com o Menino do presépio. Falar do nascimento de Jesus às crianças, colocar nos corações inocentes a ternura e a beleza da noite do Natal e não apenas o interesse pelos presentes, o egoísmo do ganhar, do ter, quando é bem outra a mensagem de Jesus menino de Belém.

Que as futuras gerações não venham a perder o sentimento cristão do Natal e das alegrias mais puras que ainda restam ao coração humano, pela grande mensagem de PAZ.

"Mãe social," seguindo o exemplo de Maria

Eliane Rezende Campos Salles

Famílias destruídas, crianças abandonadas. Esse era o saldo deixado com o fim do pesadelo da Segunda Guerra Mundial. Na sensibilidade de um médico da Áustria, chamado Hermann Gmeiner, surgia como uma luz sobre esse clima de desesperança. Num gesto de bondade e fraternidade para com as crianças inocentes diante dos horrores da Guerra, Gmeiner fundou no ano de 1949 a associação "Aldeias Infantis SOS", uma entidade que não se limitaria aos países da Europa, mas se estenderia por mais 80 nações e onde quer que existisse o abandono, inclusive em nosso sofrido país.

A iniciativa de Gmeiner é diferente de muitas instituições que têm como finalidade acolher crianças carentes. Todos nós sabemos da necessidade de uma mãe para quem está chegando ao mundo. A figura da mãe é representada pelo carinho, amor, compreensão e muitas vezes, sofrimento. A mãe de Cristo, Maria, celebrou o nascimento de seu filho com alegria e o acompanhou em todo o seu calvário, vivendo com ele as suas dores. Maria, a mãe companheira é a mãe de todos nós.

É por isso que nas "Aldeias SOS", as crianças que lá chegam abandona-



Vista parcial da Aldeia S.O.S — São Bernardo do Campo, S.P.

das, têm uma mãe. Em cada "Aldeia" há entre 10 e 15 famílias, que se dividem em casas construídas para esse fim. Em cada casa mobiliada se reúnem 9 crianças que, a partir do momento que chegam se tornam irmãos e unidos por uma "Mãe Social", a mulher, que a exemplo de Maria, nasceu com a vocação materna.

Profissão de fé

Atualmente, no Brasil, existem 12 "Aldeias" espalhadas por 9 estados: São Bernardo, Poá e Rio Bonito, em São Paulo; Juiz de Fora, em Minas Gerais; Porto Alegre e Santa Maria, no Rio Grande do Sul; Goioerê, no Para-

ná; Salvador, na Bahia; Brasília, no Distrito Federal; Jacarepaguá, no Rio de Janeiro; Caicó, no Rio Grande do Norte e João Pessoa, na Paraíba.

Nessa época natalina, vale a pena refletir sobre o trabalho desenvolvido por essa entidade e por essas mulheres que dedicam suas vidas às crianças maltratadas pelo mundo e como todos nós, filhos de Deus. Na acolhida às crianças, a "Aldeia" recebe irmãos consangüíneos, que nunca são separados. Mas se a criança chega sozinha, ganha novos irmãos, desenvolvendo o espírito de fraternidade numa educação harmoniosa, preparada por pedagogos, psicólogos e assistentes sociais, profissionais que orientam também as mães em benefício da educação daqueles que se tornam seus filhos.

As "Aldeias" brasileiras abrigam hoje cerca de mil crianças, além de contar também com as "Casas de Juventude", lares onde são reunidos os que iniciam a fase adolescente e que se preparam para a vida profissional. Muitos desses rapazes e moças, dotados de um sentimento de gratidão para com a entidade, acabam se tornando voluntários e através de seus testemunhos, divulgam esse importante trabalho de reintegração da criança à família.



"Mãe social" com seus filhos — Poá, S.P.

"Vinde a mim as crianças"

A condição básica para a admissão de uma criança na "Aldeia" é que ela seja órfã ou se encontre em total estado de abandono, com idade entre zero e 6 anos. Quando chega, ela se integra à casa com sua mãe e irmãos-zinhos. A "Mãe Social" cuida de sua alimentação, ajuda nas tarefas escolares sim, porque nas "Aldeias" a criança recebe todo estímulo para estudar até a faculdade — lava e passa sua roupa, além de ofertar seu carinho.

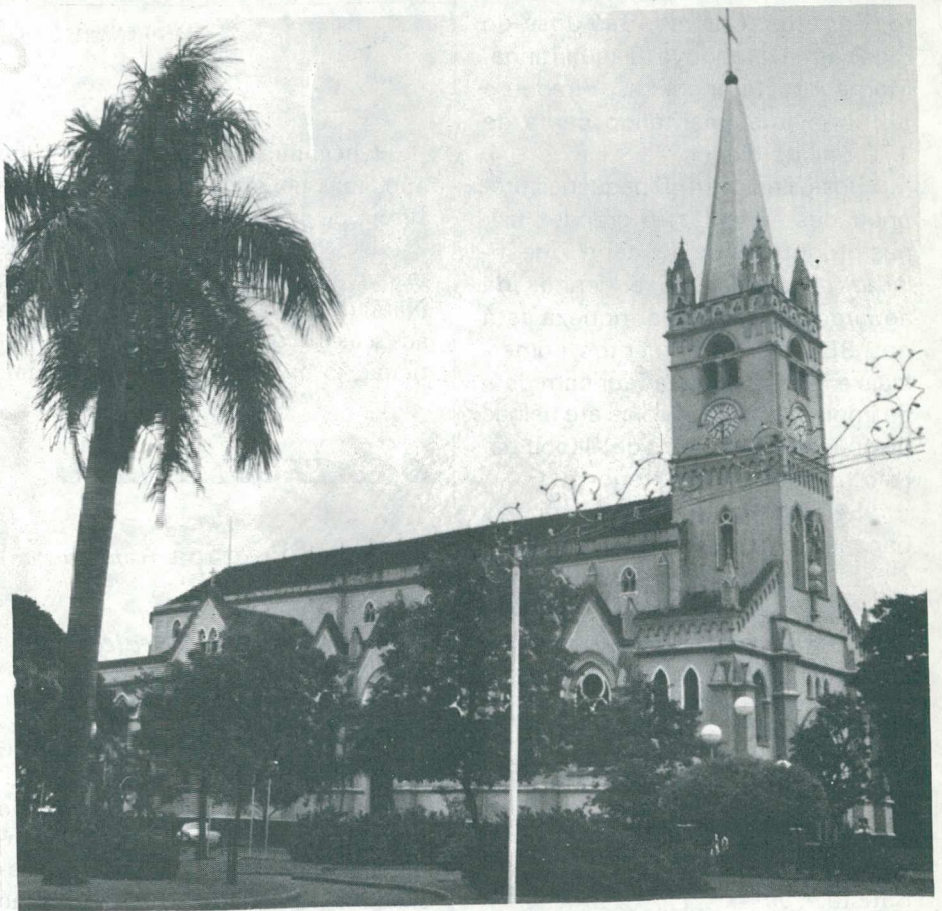
Para recompensar o trabalho de dedicação dessa mulher, sua profissão é legalizada e desfruta de todos os direitos das leis trabalhistas, tais como salário, carteira de trabalho, férias, FGTS etc. Nas "Aldeias" elas também contam com o auxílio das chamadas "Tias Sociais", que podem substituí-las nos seus merecidos momentos de folga. O trabalho de uma "Mãe Social" exige vocação materna e muita dedicação. É necessário também que a mulher que queira se candidatar tenha idade entre 25 e 40 anos, seja solteira ou viúva (de preferência, sem filhos), seja alfabetizada, tenha uma boa saúde e sobretudo, goste dos afazeres domésticos e tenha muito amor no coração. Essa mãe deverá receber uma casa-lar localizada em uma das "Aldeias", ganhando uma vida em comunidade e estabilidade no trabalho.

A figura do pai é representada pela presença do "Dirigente" da "Aldeia", o profissional que dirige o trabalho pedagógico de cada comunidade. O "Dirigente" é casado, residente na própria "Aldeia" com sua família. É ele quem atende as solicitações das mães e das crianças, orientando-as quando se faz necessário.

As "Aldeias" são mantidas com recursos de cada unidade, sócios-contribuintes, doações e promoções, como cartões de natal, por exemplo. No Brasil, as "Aldeias" foram criadas por brasileiros dotados de espírito cristão. As mulheres que desejarem tornar-se uma "Mãe Social", podem escrever ou telefonar para: "Centro de Treinamento das Aldeias SOS"

R. José Antonio Coelho, 412,
CEP 04011, São Paulo
telefone: (011) 575.2899

SERTÃOZINHO (SP)



Igreja Matriz N.S. Aparecida - Sertãozinho - SP

Deve-se a Antonio Malaquias Pedroso, Antonio Maciel Pontes, João Manoel Pontes e seus filhos: Antonio Rodrigues da Rocha, Joaquim Borges da Costa e outros, a abertura da clareira da mata da região, onde se localiza a progressista cidade de SERTÃOZINHO, no Estado de São Paulo. Ergueram eles, em 1876, uma Capela dedicada à N. S. Aparecida, em torno da qual se desenvolveu o povoado inicial, sendo elevado a Distrito de Paz em 10/03/1385; e em 05/12/1896 foi criado o município e em 26/10/1906 passou a ser Comarca.

A cultura do café, juntamente com as estradas de Ferro Mogiana e Paulista, hoje "FEPASA", foram as propulsoras do rápido desenvolvimento de Sertãozinho. Sobrevindo a crise cafeeira em 1929, surgiram novas culturas e entre elas a da

cana-de-açúcar, que veio dar novos rumos e grande incremento à economia do município, tornando-o, em nossos dias o 1.º (primeiro) na produção de açúcar e álcool do Estado de São Paulo.

Dados geográficos:

Distância da Capital: 330 km.

Altitude: 550 m.

Área do município: 418 km².

População aproximada: 80.000 habitantes.

Principais rios que cortam o município: Mogí-Guaçu e Rio Pardo.

Limita-se com: Pontal, Jardinópolis, Barrinha, Dumont, Ribeirão Preto, Jaboticabal e Pitangueiras.

É servida pelas Rodovias SP-333 e SP-322 e, tem comunicação dire-

ta com as cidades de Ribeirão Preto, Barrinha, Jaboticabal, Bebedouro, Barretos, Olímpia, São José do Rio Preto, Catanduva, Taquaritinga, Monte Alto, Pitangueiras, Viradouro e outras, movimentando cerca de 170 ônibus diários.

Possui ainda: 450 pequenas propriedades agrícolas, 5 grandes usinas produtoras de açúcar e 7 destilarias de álcool e 6 engenhos de aguardente. Sua maior riqueza está nos 850 estabelecimentos comerciais e industriais que fabricam desde implementos agrícolas até usinas de açúcar e destilarias de álcool, para o país e para o exterior.

Sertãozinho abriga 10 agências bancárias; Caixa Econômica Federal e Estadual, vários hospitais, postos de saúde, ambulatórios, farmácias, laboratórios, asilo para pessoas idosas, albergues, creches, parques infantis, Casa da Criança, APAE, Rádio Difusora, berçário infantil, jornais, Lions Clube, Rotary Club, etc.

A Matriz é consagrada à N.S. Aparecida que abrange duas paróquias: a de Santa Luzia e São João Batista.

Chegamos ao final de mais um ano, mas nosso compromisso com a Igreja de Jesus Cristo continua.

Desejo que meus irmãos catequistas, vivam intensamente o mistério do Natal de Jesus Cristo e o transmitam aos seus catequizandos através da participação na comunidade paroquial.

O CATECUMENATO

c) Segunda etapa (continuação)

Os componentes da catequese Preparação imediata

1) Tempo e conteúdo No século terceiro e quarto as reuniões catecumenais eram diárias com duração mais ou menos de três horas. Durante esta reunião era transmitido um ensinamento doutrinal, uma iniciação

moral e espiritual e alguns rituais.

Todo o tempo da quaresma é dedicado à oração e à penitência, e num clima de retiro, aprofundando os mistérios da fé, através da História da Salvação. O processo de conversão se aprofunda na oração e no jejum, na imposição das mãos e exorcismos.

2) Os exorcismos Ocupavam um lugar de destaque na Liturgia batismal antiga, isto se explica, porque os ritos do Batismo tem sua origem no cristianismo antigo e são expressão de toda uma teologia do mal, principalmente do pecado original que mantém a alma prisioneira.

As funções do exorcismo eram:

a) Libertar o catecúmeno das forças do mal e ligá-lo progressivamente a Cristo.

b) Demonstrar a dramática condição humana de luta contra o mal (as tentações de Cristo no deserto eram usadas na catequese, assim também como as tentações que o Povo de Deus sofreu, enquanto pelo deserto andava).

O que era ensinado naquela época e que serve para nós hoje, é que o mal não vem de Deus, como também não depende apenas da vontade humana. O mal está abaixo de Deus e além das forças do homem que, sem a ajuda de Deus, não pode separar-se desta potência, da qual é prisioneiro.

3) O ensino doutrinal Tinha como finalidade fornecer os fundamentos sólidos e indispensáveis para a vida de fé; para que pudesse alcançar tal êxito, ele era baseado na Bíblia e na Profissão de fé, ou seja, o Creio.

Depois de 5 semanas de instrução, na última semana da quaresma, recebia-se o Símbolo, pois ele contém de uma forma resumida todo o significado da catequese, que é, transmitir a fé aos cristãos; e para dar ainda mais seriedade, ele era entregue em um ato litúrgico.

"Tu és eternamente responsável pelo que cativas..."

Antoine Saint Exupéry

Um bilhão de pessoas já leu ou assistiu
"O Pequeno Príncipe"
E você?...



Ame a cultura e ame sua cidade. Ajude-a a crescer culturalmente. Apresente este cupom à Secretaria de Cultura da sua cidade, ou a um bom colégio. Nós "O Pequeno Príncipe" e "Tistu - O Menino do Polegar Verde" em breve poderemos nos apresentar em sua cidade. É só solicitar. Entre em contato conosco pelo tel: (011) 290-4006.

Em São Paulo, capital, já estamos nos apresentando:

"O Pequeno Príncipe"
Sábados e Domingos às 15h30
Teatro Auditório Augusta
Rua Augusta, 943

"Tistu - O Menino do Polegar Verde"
Domingo às 11h
Teatro Caetano de Campos
Praça da República, 53

Obs.: Apresente este cupom e ganhe o desconto de 50% - válido para 4 pessoas.

O Batismo na Antigüidade

Eugênio Pessato, cmf



Geralmente era o bispo quem fazia a entrega e ele mesmo, durante 5 dias, o explicava artigo por artigo. Juntamente com essa tradição da entrega do Símbolo, havia também a entrega do Evangelho, ritual este que hoje também encontramos na catequese Eucarística, matrimonial e outras.

Fazendo parte ainda desta catequese, no domingo de Ramos, os catecúmenos acompanhados de seus padrinhos, recitavam solenemente diante do Bispo o Símbolo da fé, que deveriam saber de memória.

4) Iniciação à oração Dentro da catequese catecumenal, a Semana Santa é dedicada à iniciação à oração. A preparação quaresmal para o Batismo se dava sempre num clima de retiro, de oração, de penitência, de conversão.

O caráter de morte ao pecado e

de vida para Deus, que caracteriza toda preparação para o Batismo é expresso pelos ritos da:

- a) Adesão a Cristo
- b) Renúncia a Satanás.

São os dois últimos ritos antes do Batismo e eram feitos na Quinta-feira ou Sábado Santos, e propriamente já fazem parte da Liturgia Batismal. A renúncia a satanás e às suas obras, é imediatamente seguida da adesão a Cristo, e fazia-se uma solene profissão de fé em Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

Todo conteúdo da fé é resumido na fórmula de adesão do novo cristão às três pessoas Divinas; e esta adesão a Deus, em Cristo constituirá o ato de fé requerido para o Batismo, administrado logo em seguida, na madrugada do Sábado Santo, cuja Liturgia, ainda hoje é profundamente batismal.

d) Terceira e última etapa: a Catequese Sacramental

Depois de terem recebido o Batismo, ainda faltava serem introduzidos no “mistério” dos sacramentos cristãos, conforme um costume antigo que proibia revelar este mistério aos pagãos ou àqueles que não estavam plenamente integrados na Igreja.

A prática de não dar a catequese dos sacramentos senão após o Batismo e a Eucaristia, vinha de que os sacramentos são acontecimentos e não noções, era preciso antes de tudo vivê-los.

Apoiando-se também nesta prática, é que a catequese hoje, conforme nos é apresentada pelo documento Catequese Renovada da CNBB, defende e pede uma pedagogia ativa que antes leve o catequisando a viver o que está aprendendo (PAET).

Esta catequese sobre os sacramentos era explicada de três maneiras:

- a) Um comentário dos ritos que foram vividos — catequese dos sinais.
- b) Uma teologia bíblica dos sacramentos pensados como continuação das grandes obras de Deus no Antigo Testamento: libertação do Egito e Batismo; maná e Eucaristia.

c) Procura responder a dificuldades teológicas como, por exemplo, saber se a Virgem Maria foi batizada, se é preciso repetir o batismo para um excomungado, etc.

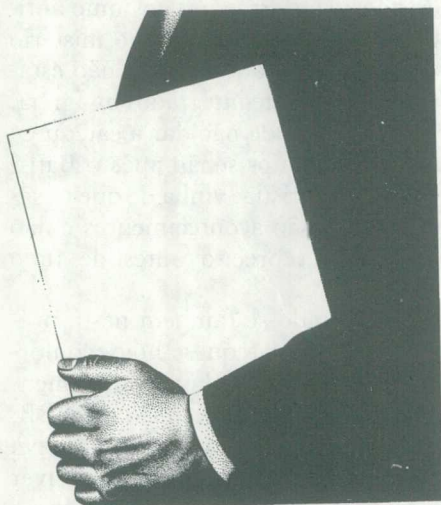
Concluindo as reflexões sobre o catecumenato e trazendo-o para a nossa realidade, podemos compará-lo ao princípio de “interação” entre FÉ e VIDA colocado em prática, é claro que não podemos retomar o catecumenato, como ele o foi no passado, mas faz-se necessário levarmos mais a sério a preparação para o Batismo.

Como última tarefa deste ano, leiam e reflitam os números de 110 a 117 do documento Catequese Renovada (n.º 26) e comparem com a catequese que vocês estão transmitindo aos seus catequisandos e Feliz Natal. •

CALENDÁRIO LITÚRGICO

Qual o critério para a determinação das datas das celebrações móveis no calendário litúrgico? (2066)

*Ampélio Carlotto -
Carlos Barbosa RS.*



O ano litúrgico cristão se orienta a partir de um ponto central, a partir do qual todas as celebrações são fixadas em calendário. Este se situa no Mistério Pascal, tendo como coração a celebração da Paixão e Ressurreição do Senhor. Rememora-se a aceitação da parte de Deus, do autodespojamento e obediência de Cristo até a morte de cruz, como sacrifício de expiação e de reconciliação, e a sua ressurreição dentre os mortos e glorificação.

Agora, estabelecer este ciclo pascal anual não foi tarefa fácil. Aliás, dificuldades existem até em nossos dias e a solução está longe de nossa vista. Os cristãos católicos de rito latino fixam a data da Páscoa no primeiro domingo depois da primeira lua cheia da primavera boreal (após 21 de março), correspondente à lua cheia do mês de Nisan hebraico.

"Solenidade das solenidades", por muito tempo única festa dos cristãos na qual o "Dia" — "Dia que o Senhor fez" — se prolonga sobre uma semana inteira (oitava da Páscoa) e que se renova sobre uma se-

mana de semanas (Tempo Pascal), a Páscoa é o centro e o cume do tempo cristão.

Da fixação da data da Páscoa é que depende a determinação das demais comemorações, dado que a celebração do Mistério Pascal é o coração do ano litúrgico, durante o qual se "revela todo o mistério de Cristo, desde a Encarnação e Natividade, até a Ascensão, o dia de Pentecostes e a expectativa da feliz esperança e vinda do Senhor" (SC, 102).

Assim, por exemplo: a fixação da data do início da quaresma, do dia de pentecostes, e todas as outras celebrações com datas variáveis, dependem, diretamente, da celebração pascal.

BATISMO

Os não batizados também vão para o céu? (2067)

Primeiramente é preciso ter presente que não é somente pelo fato de se ter recebido o batismo que, automaticamente se está no céu. O que é necessário é a fé e a vivência desta fé durante toda a vida, buscando cumprir a vontade de Deus. No entanto, segundo a tradição da Igreja, é necessário o batismo para a salvação, enquanto que por meio dele se recebe a graça da filiação divina, e se é introduzido na Igreja, comunidade de fé e por isso comunidade salvífica. Este batismo não se reduziu a uma única forma como o batismo de água, mas foi ampliado no batismo de sangue (o martírio) e no batismo de desejo (os que morriam sem ser batizados).

Nos cabe dizer aqui algo sobre o batismo de desejo. No Novo Testamento encontramos algumas insinuações (Lc 7,47; 10,27; 18,14; At 10,46ss). Já os santos padres, como Ambrósio, Tertuliano, Cirilo de Alexandria, João Crisóstomo, Agostinho, falam dele em suas obras. E durante a Idade média e mesma tradição imperou de modo que se entendia mesmo os que não fossem

batizados poderiam ser salvos em sua fé num Deus que governa o mundo com misericórdia e justiça.

De fato, encontramos na Escritura que Deus não quer a morte de ninguém e quer que todos sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade (1 Tm 2,4) e é por isso que o Concílio Vaticano II no seu documento *Lumen Gentium* diz sobre os não-cristãos: "Aqueles, portanto, que, sem culpa, ignoram o evangelho de Cristo e sua Igreja, mas buscam a Deus com coração sincero e tentam, sob o influxo da graça, cumprir por obras a sua vontade, conhecida através do ditame da consciência, podem conseguir a salvação eterna. E a Divina Providência não nega os auxílios necessários à salvação áqueles que, sem culpa, ainda não chegaram ao conhecimento expresso de Deus e se esforçam, não sem a divina graça, por levar uma vida reta" (LG, 16).

Todos os não cristãos são colocados dentro da salvação que Jesus, por sua morte e ressurreição, para todos conquistou; desde que, busquem agir com consciência reta. A Igreja reza por todos estes para que cheguem à salvação por meio da misericórdia de Deus Pai — "E agora, ó Pai, lembrai-vos de todos pelos quais vos oferecemos este sacrifício:... o povo que vos pertence, e todos aqueles que vos procuram de coração sincero. "Lembrai-vos também dos que morreram na paz do vosso Cristo e de todos os mortos dos quais só vós conhecestes a fé." (Oração Eucarística IV).

*Pe. Vitor Pedro Calixto
dos Santos cmf*

Aqui respondemos a perguntas sobre a vida cristã, a história, as leis e os costumes da Igreja, a moral e a teologia, a Sagrada Escritura e a liturgia. Assuntos mais delicados e pessoais são respondidos por carta. Neste caso, é favor enviar selos para a resposta

Correspondência para:

Equipe Consultório Popular
Caixa Posta 153 — CEP 80.000
Curitiba (PR).

ENCARNAR O CRISTO

Maria, Mãe de Deus
01/1/89

1.^a leitura: Nm 6,22-27

O anseio profundo da humanidade pela paz coincide com o projeto do Pai para seu povo e com a bênção que emana da aliança. A criação foi a primeira bênção de Deus para seu povo, pois, no gênesis deixa transparecer paz na natureza e no mundo dos homens. Ao homem que se coloca diante da face do criador, “brilha a luz da sua face”.



O texto dos Números nos apresenta a fórmula de bênção com que os sacerdotes abençoavam o povo israelita na festa judaica do Ano Novo, invocando três vezes o nome de Javé. Para os judeus a bênção atualizava a aliança, com suas promessas e exigências.

2.^a leitura: Gl 4,4-7)

A carta de São Paulo aos Gálatas pode ser chamada de “Carta da liberdade cristã”. O autor ressalta que Cristo se encarnou para nos tornar livres, fazendo-se nosso irmão e participando de nossa comunidade.

A expressão “plenitude do tempo” refere-se ao cumprimento do tempo messiânico, completado no momento em que Deus insere-se na realidade histórica do povo, sob a lei, nascendo de uma mulher. Como fruto desta encarnação somos adotados como filhos, o que no texto refere-se a um dom do Espírito Santo que nos torna livres. É a inserção concreta de Jesus na humanidade, nascendo de uma mulher e sob a lei, nascendo de seu povo (Maria).

Evangelho: Lc 2,16-21

Este evangelho é o mesmo da missa do natal, com o acréscimo do v.21. Os pastores, os pobres, adoraram Jesus no presépio, em Belém. Oito dias depois ele é circuncidado, conforme a Lei (Gl 4,4) e recebe o nome indicado pelo anjo (Jesus), “Javé Salva”.

Os pobres acolhem o anúncio de Jesus e o encontram, confirmando a salvação no contato com a simples família.

Lucas neste evangelho quer nos indicar que a pobreza e o esvaziamento de si mesmo são condições para discernir o ato de Deus que salva.

O nome dado pelo Pai celeste a Jesus revela sua missão em favor dos homens.

Comentário

Estamos no início de um novo ano. Renovam-se nossos anseios e esperanças, nossa crença no amor, na alegria, na paz que marcam a celebração deste domingo onde Cristo desponta como salvação concretizada.

Ilustrações: extraídas do Missal Dominical — Edições Paulinas.

Ele é a plenitude da bênção e proteção do Senhor (1.^a Lt) e vem nos despertar para a paz verdadeira.

A vida de Cristo nos gera para uma vida nova a ser vivida na fraternidade e solidariedade.

Celebrando a vinda do Senhor que vem para nos salvar temos a Mãe de Deus como exemplo de acolhimento pleno. Ela representa toda a Igreja que ouve a boa nova e a transforma em vida e, em luz as situações de morte. Os simples e abertos compreenderão a mensagem. No nome de Jesus descobrirão o Deus que salva e na Mãe de Deus um exemplo de que devemos levar o dom de Deus ao mundo.

JANEIRO DIA 2, 2.^a-f.: 1Jo 2,22-28; Jo 1,19-28. **DIA 3, 3.^a-f.:** 1Jo 2,29-3,6; Jo 1,29-34. **DIA 4, 4.^a-f.:** 1Jo 3,7-10; Jo 1,35-42. **DIA 5, 5.^a-f.:** 1Jo 3,11-21; Jo 1,43-51. **DIA 6, 6.^a-f.:** 1Jo 5,5-6.8-13; Mc 1,6b-11. **DIA 7, SÁBADO:** 1Jo 5,14-21; Jo 2,1-12.

DEUS REÚNE OS HOMENS

Epifania do Senhor
08/01/1989

1.^a leitura: Is 60,1-6

Após o exílio da Babilônia, Jerusalém se ergue das ruínas. O profeta Isaías contempla um amanhecer glorioso sobre Jerusalém, a cidade santa. Iluminada pelo sol da justiça ela será um sinal para todos os povos da terra que estão na escuridão.



Jerusalém deve ser a luz, superar o desânimo vindo com a necessidade da reconstrução pois o Deus verdadeiro vai se manifestar a seu favor: seus filhos exilados serão devolvidos, ofertas serão dadas ao santuário pelas nações.

2.^a leitura: Ef 3,2-3a.5-6

Em Jesus todos os homens são herdeiros de Deus. Paulo é o anunciador desta herança de salvação, cuja universalidade se expressa ao ser oferecida também aos gentios. Ele percebe com surpresa que as promessas de Deus ultrapassam Israel e sente-se chamado a levar a Boa-Nova às nações..

Evangelho: Mt 2,1-12

O evangelho de hoje busca revelar que Jesus veio salvar todos os homens. Falando do nascimento de Jesus, Mateus através da manifestação dos magos pagãos, transmite a universalidade da missão do Messias.

Jesus é reconhecido e adorado pelos estrangeiros, prefigurando a conversão dos pagãos que procuram a Deus.

O texto acaba apresentando o significado político do nascimento de Jesus, nascido para governar todos os homens. A narração nos convida a crer em Jesus e adorá-lo, pois desta atitude brota o verdadeiro povo de Deus.

Comentário

Toda a liturgia de hoje busca nos mostrar a manifestação universal da salvação que vem de Deus. Esta realização está plenamente simbolizada na figura dos magos estrangeiros com suas ofertas. As promessas dirigidas a Israel ultrapassam suas fronteiras (2ª Lt).

No mundo atual nos defrontamos com a "aldeia global", num alto nível de comunicação, capaz de transmitir tantas palavras e imagens por todo o universo, mas que se transforma em escuridão. Aparecem os interesses dos poderosos (Herodes), que buscam esconder a estrela da luz.

A luz de Cristo, portanto, encontra-se fora dos aparelhos ideológicos. Na luta de nosso irmão mais próximo, o universal se torna concreto, pois representa a humanidade que desponta em cada pessoa que é amada e respeitada.

O brilho falso da mentira não pode ofuscar a pureza da verdade, que salva e liberta.

A liturgia deste domingo nos lembra que nossa missão como Igreja é manifestar Jesus ao mundo. Ele veio ao mundo responder ao nosso anseio de unidade e fraternidade e seremos seus discípulos permitindo que em nós e em nossas comunidades resplandeça a luz de sua verdade.

DIA 9, 2ª-f.: Is 42,1-4.6-7; At 10,34-38; Lc 3,15-16.21-22. **DIA 10, 3ª-f.:** Hb 2,5-12; Mc 1,21-28. **DIA 11, 4ª-f.:** Hb 2,14-18; Mc 1,29-39. **DIA 12, 5ª-f.:** Hb 3,7-14; Mc 1,40-45. **DIA 13, 6ª-f.:** Hb 4,1-5.11; Mc 2,1-12. **DIA 14, SÁBADO:** Hb 4,12-16; Mc 2,13-17.

A VOCAÇÃO DE JESUS

Batismo do Senhor 15/01/1989

1ª leitura: Is 42,1-4.6-7

Este trecho é tirado do primeiro cântico do Servo de Javé. O servo era aquele que iria restaurar o povo de Deus do exílio. Mais tarde passou a ser identificado com a figura do povo de Israel.

A narração descreve a vocação profética do servo, sua missão de implantar o Direito e a Lei de Deus, com sua-



vidade e mansidão. Seu destino é ser mediador da aliança e o revelador de Deus para os pagãos (v.6).

2ª leitura: At 10,34-38

O conteúdo desta leitura é o resumo do anúncio dos apóstolos ao mundo, proclamando a missão de Jesus como messias e Filho de Deus, a partir de seu Batismo por intermédio de João. Esta proclamação é feita aos pagãos revelando a universalidade da pregação: Deus aceita todos os homens que reconhecem e praticam a justiça. O texto acaba refletindo a estrutura fundamental da catequese primitiva, partindo do Batista até a Ascensão.

Evangelho: Lc 3,15-16.21-22

Toda a atuação de João Batista fez surgir no povo fortes esperanças messiânicas. Seu Batismo acaba sendo a confirmação messiânica de Jesus para a missão, a confirmação por parte de Deus.

Lucas quer mostrar que Jesus ao ser batizado se identificou com seu povo, unindo-se aos que queriam ser salvos.

Jesus ora, como em todos os momentos decisivos de sua vida. O céu se abre anunciando a mediação do messias. Manifesta-se o Espírito de Deus (pomba = símbolo do povo de Israel) e a nova criação de Jesus. A voz de Deus revela sua predileção. O texto nos leva a professar: Ele é o Messias esperado.

Comentário

A maioria da população brasileira é batizada, embora não sejam muitos os que de fato assumem a vida nova que o sacramento exige.

Na Igreja primitiva ser batizado significava participar da comunidade dos que viviam os valores evangélicos: fraternidade, justiça, solidariedade, todos unidos num só corpo.

O Batismo de Jesus confirmou sua missão. Foi uma manifestação divina que se reflete também em nós, cristãos.

Ele assume sua missão de servo (1ª Lt.), consagrando-se aos que esperam o Reino da Justiça.

Sua marca é a preferência pelos pobres, sem temer as consequências de sua opção. Ele assume as tarefas do servo de Javé, que se tornam valores básicos para os que querem segui-lo.

Ser batizado, portanto, é atualizar a mensagem de Jesus, adotar seu programa de vida numa comunidade de fé, de maneira dinâmica e comprometida com a transformação do mundo.

DIA 16, 2ª-f.: Hb 5,1-10; Mc 2,18-22. **DIA 17, 3ª-f.:** Hb 6,10-20; Mc 2,23-28. **DIA 18, 4ª-f.:** Hb 7,1-3.15-17; Mc 3,1-6. **DIA 19, 5ª-f.:** Hb 7,25-8,6; Mc 3,7-12. **DIA 20, 6ª-f.:** Hb 8,6-13; Mc 3,13-19. **DIA 21, SÁBADO:** Hb 9,2-3.11-14; Mc 3,20-21.

JESUS DÁ UM VINHO NOVO PARA A HUMANIDADE

2.^o domingo do tempo comum
22/01/1989

1.^a leitura: Is 62,1-5

Depois do fim do exílio, veio o difícil período da restauração. O povo questionava a salvação, ao qual o profeta Isaías responde anunciando a esperança. Ele anuncia a ressurreição (restauração) de Jerusalém usando a metáfora de um casamento que une Javé à cidade, como um esposo à sua esposa.



2.^a leitura: 1 Cor 12,4-11

Frente às divisões que surgiam na comunidade de Corinto, Paulo sublinha que a unidade da comunidade supõe a diversidade de dons. A unidade brota do mesmo Batismo, que todos receberam, e que anula todas as distinções raciais e sociais. A diversidade deve estar voltada para o bem comum, pois o Espírito dignifica cada pessoa.

Evangelho: Jo 2,1-12

A Boda de Caná provoca a vinda da era messiânica, revelando a glória do Pai que é a salvação dos homens. Jesus revela-se como proposta definitiva de Deus aos homens, convocando-os à fé.

Dá princípio a seus sinais e manifesta sua glória e seus discípulos “creram nele” (2,11).

Comentário

O casamento em Caná, celebrado na liturgia, faz parte da manifestação de Jesus como salvador dos homens.

Este fato bíblico ilumina nossa história no momento em que analisamos a “grande festa” de nosso tempo, mas onde falta o vinho da sabedoria e da justiça. O vinho velho é o secularismo, fruto de uma época que empalhou o divino e que acaba refletindo nas relações humanas, tão marcadas pelo individualismo.

Em Jesus, Deus desposa seu povo, cumprindo os anúncios da primeira leitura. O vinho é a presença do Deus vivo no meio dos homens e renova a festa e o sentido de viver para o ser humano.

Maria representa cada um de nós que, como ela, somos chamados a preparar a “hora de Jesus” na Igreja-comunidade.

DIA 23, 2.^a-f.: Hb 9,15.24-28; Mc 3,22-30. **DIA 24, 3.^a-f.:** Hb 10,1-10; Mc 3,31-35. **DIA 25, 4.^a-f.:** At 22,3-16 ou At 9,1-22; Mc 16,15-18. **DIA 26, 5.^a-f.:** Hb 10,19-25 ou pr. 2Tm 1;1-8 ou Tt 1,1-5; Mc 4,21-25. **DIA 27, 6.^a-f.:** Hb 10,32-39; Mc 4,26-34. **DIA 28, SÁBADO:** Hb 11,1-2.8-19; Mc 4,35-40

DEUS LIBERTA OS HOMENS EM JESUS CRISTO

3.^o domingo do tempo comum
29/01/1989

1.^a leitura: Nee 8,1-4a.5.6.8-10

Foi demorada a restauração de Israel. Um século após o fim do exílio (538 a.C.), Neemias começou a reconstruir as muralhas de Jerusalém. Em 438, o sacerdote Esdras vem da Babilônia e trás consigo a “lei de moisés”. O povo é reunido e louva Deus, vários textos são lidos, gerando conversões.



2.^a leitura: 1 Cor 12.12-30

Prosseguindo o tema dos carismas, Paulo usa a comparação de um corpo humano. Cristo é o princípio unificador da comunidade, ao qual se juntam harmoniosamente os outros membros, na doação e serviço por uma obra comum.

Evangelho: Lc 1,1-4c; 4,14-21

No início de seu Evangelho, Lucas nos fala de suas intenções ao escrever: narrar os fatos e ditos de Jesus de maneira ordenada, conforme as testemunhas e o significado que dera aos acontecimentos da vida do mestre, “à luz da sua Páscoa”. Sua primeira pregação em Nazaré é apresentada como o cumprimento da promessa e como um programa: a Boa nova é levada aos pobres.

Comentário

Lucas, numa postura de historiador, conta como Jesus iniciou sua pregação, em Nazaré: numa sinagoga, à luz de um texto do profeta Isaías. Ele é o instaurador da verdadeira justiça e liberdade.

A Revelação da identidade de Jesus nos leva a pensar em nossa própria identidade, somos “imagens de Deus”. Esta realidade precisa sobrepor-se sobre todas as alienações pessoais e sociais que reduzem o ser humano.

A Palavra de Deus tem a capacidade de reunir os homens (1.^a Lt), de gerar vida nova, congregando uma comunidade animada pelo Espírito, onde cada um pode descobrir sua missão, fazer sua história, a exemplo de Jesus.

A comunidade cristã torna-se um testemunho único da ação de Jesus no tempo.

José Carlos Fernandes, cmf.

DIA 30, 2.^a-f.: Hb 11,32-40; Mc 5,1-20. **DIA 31, 3.^a-f.:** Hb 12,1-4; Mc 5,21-43. **FEVEREIRO DIA 1, 4.^a-f.:** Hb 12,4-7.11-15; Mc 6,1-6. **DIA 2, 5.^a-f.:** Mt 3,1-4; Hb 2,14-18; Lc 2,22-40. **DIA 3, 6.^a-f.:** Hb 13,1-8; Mc 6,14-29. **DIA 4, SÁBADO:** Hb 13,15-17.20-21; Mc 6,3C-34.

NATIVIDADE

Myrian Vallias de Oliveira Lima



"Martiriológico de Natal

Muitos séculos após a criação do mundo,
Quando Deus, no começo, criou o céu e a terra,
Muito tempo após o Dilúvio,
Mais de dois mil anos após o nascimento de Abraão,
Mais de cento e cinquenta anos após Moisés,
e a saída do Egito do povo de Israel,
Quase mil anos após a consagração do rei Davi,
No septuagésimo quinto ano da profecia de Daniel,
Na centésima nonagésima quarta Olimpíada
e no septingentésimo quinquagésimo segundo ano da fundação de Roma,
e o ano quarenta e dois do Imperador Otávio Augusto,
Na sexta idade do mundo terrestre.

Todo o universo estando em paz

Jesus Cristo

Deus Eterno e Filho do Pai Eterno,
Querendo santificar o mundo por sua misericordiosa Vinda,
Após ter sido concebido pelo Espírito Santo,
Nasceu em Belém da Judéia da Virgem Maria,
Deus feito Homem.
É a **Natividade** de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo a Carne."

Há quase dois mil anos, Jesus nasceu em Belém, na Palestina. Um judeu descendente da linha real de Davi. Filho de Maria e do carpinteiro José. Deus feito homem. Sua vinda foi o maior acontecimento na terra. A.D. — Anno Domini (em latim) foi chamado o ano de seu nascimento. E a história se organiza a.C. e d.C. — antes de Cristo e depois de Cristo.

Natal. Exaltação da glória divina e da humildade. Deus apareceu entre os simples e pobres. Príncipe da Paz. Pai de um reino sem fim. Sua missão — levar os homens a Deus. Rei dos Reis. Pai de cada um de nós. Ensinou os homens a se tratarem como irmãos, a se amarem, a perdoarem aos que os ofenderem. Ensinou-lhes que Deus triunfará na terra e que, para isso ele quer a cooperação de todos, crianças ou velhos, ricos ou pobres.

"Ame ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força". Ao enunciar Cristo seu primeiro manda-

mento logo acrescentou: — "ame o teu próximo como a ti mesmo. Não há mandamentos mais importantes que estes."

No Natal "o Verbo fez-se homem e habitou entre nós, e nós vimos a sua glória, glória que lhe vem do Pai, como Filho único, cheio de graça e de verdade." (S. João 1,14).

A primeira vinda de Cristo, quando veio para nos resgatar, comemorada agora em dezembro, é também um convite para que reflitamos sobre a vinda suprema do Salvador, do Cristo em toda a sua glória, no final dos tempos. Sua vinda triunfal. Quando virá para nos julgar. Estamos nos preparando condignamente para, com tranquilidade, sem medos, o encarmos neste segundo regresso? Temos cumprido a missão que aqui na terra ele nos destinou? Somos realmente irmão de nossos irmãos?

Para encerrar, vou transcrever uma preciosidade que encontrei em um velho missal:

QUITUTES PARA O NATAL

Sonho de Natal

Ingredientes:

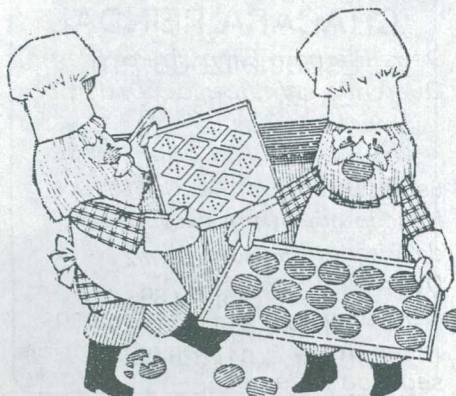
Para a massa:

1/2 lata de leite condensado
1 xícara (chá) de manteiga
3 gemas
1 pitada de sal
3 tabletes de fermento dissolvidos em um pouquinho de leite morno
farinha de trigo

Para o recheio:

1/2 lata de leite condensado
2 gemas
1 colher (sobremesa) de manteiga
100 grs. de frutas cristalizadas

1. Misture todos os ingredientes para a massa, juntando farinha de trigo até que desprendam das mãos.
2. Recheie porções da massa com o leite condensado (a 1/2 lata) cozido, 2 gemas, a manteiga e as frutas cristalizadas.
3. Enrole os sonhos e deixe crescer.
4. Em seguida frite-os no azeite em fogo baixo.
5. Coloque-os para escorrer num papel e em seguida passe-os no açúcar com canela.



Rabanada

Ingredientes:

1 lata de leite condensado
1 xícara (chá) de água
1 colher (chá) de baunilha
pão amanhecido (velho)
canela, açúcar
3 ovos

1. Prepare o leite condensado com a água e a baunilha.
2. Passe 12 fatias de pão por essa mistura.
3. Escorra ou esprema bem, passando em seguida pelos 3 ovos batidos (claras e gemas).
4. Frite as fatias em óleo não muito quente, dourando-as por igual.
5. Polvilhe cada uma com canela e açúcar.

(Fonte de consulta: Juvercy Pereira Cunha)

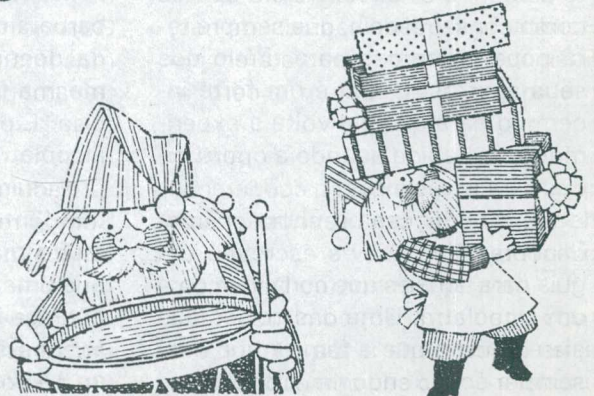


Cerejas fingidas

Ingredientes:

mamão verde
cal virgem (cal de construção)
açúcar
anilina vermelha para doces
1/2 xícara de licor Cherry Brandy
1/2 xícara de licor Marrasquino

1. Faça bolinhas com uma colher (colher de fazer bolinhas de manteiga) na polpa do mamão verde.
2. Coloque as bolinhas na água com cal virgem (para cada 2 xícaras de bolinhas coloque 1 colher (sopa) de cal).
3. Deixe de molho por 1/2 hora. Em seguida lave-as bem e deixe de molho em água limpa por mais 1/2 hora.
4. Faça a seguir uma calda com 1 copo de açúcar para cada 2 copos de água.
5. Faça um furinho com um palito nas bolinhas e vá colorindo-as com anilina vermelha para doces.
6. Quando estiverem macias, coloque 1/2 xícara de licor Cherry Brandy e 1/2 xícara de licor Marrasquino.
7. Guarde-as, em vidros esterilizados, na geladeira.
8. Sirva após 10 dias.



A família (toda) do alcoólatra está doente

Donald Lazo

Em quase todo grupo de pacientes que tratamos na Chácara, encontram-se um ou dois homens que se enquadram na seguinte descrição: 25 a 45 anos de idade, separados ou divorciados (o que quer dizer que suas esposas não aguentaram conviver com eles e se afastaram), desempregados (ou trabalhando esporadicamente na empresa de algum membro da família), morando com os pais. Soubemos deles pela primeira vez quando a mãe nos chamou para saber o que fazer com o seu "filhinho"... de 42 anos de idade!

Nestes casos, se me fosse dada uma opção entre tratar o filho alcoólatra ou os pais dele, eu preferiria tratar os pais. Honestamente, acho que assim teria mais chance de salvar a vida do filho. Porque pais que sabem lidar com um filho alcoólatra têm condições de levá-lo a parar de beber e permanecer parado. Porém, tratar um filho alcoólatra na nossa Chácara e depois devolvê-lo a uma situação em que ele voltará a morar com pais facilitadores que desconhecem o alcoolismo equivale a dar-lhe poucas chances de manter-se afastado da bebida após o tratamento. A razão é que ele sabe, caso volte a beber e se encontre em apuros como consequência, que sempre terá papai e mamãe para tirá-lo dos seus apertos. E isso é um forte incentivo para que ele volte a experimentar a bebida quando a oportunidade se apresente.

Em 1980, uma senhora chamada Toby Rice Drews escreveu um guia para aqueles que convivem com um alcoólatra. Uma das coisas que ela explica é que a família que está sempre socorrendo um alcoólatra e

fazendo coisas por ele (dando-lhe, por exemplo, casa, comida e roupa lavada quando ele tem idade bastante para conseguir estas coisas por si só), está minando sua autoconfiança e dignidade, coisas que ele precisará para parar de beber e manter-se parado. Os pais que mimam um filho alcoólatra enfraquecem as armas que ele mais necessita. E o que é pior, ao invés de sentir-se agradecido, o filho se sentirá humilhado e passará a maltratá-los.

No livro da Sra. Drews, chamado *Getting Them Sober (Tornando-os Sóbrios)*, ela explica que o alcoolismo é uma doença da família que leva a esposa e os filhos (ou então os pais) de um bebedor a se tornarem tão dependentes do comportamento errático do alcoólatra quanto o alcoólatra é da bebida. Enquanto o bebedor passa uma boa parte de sua vida meio anestesiado, os familiares são obrigados a viver esses anos de angústia, medo e insegurança absolutamente sóbrios. A vida deles em nada se assemelha à vida de uma família sã. É uma vida de contradições.

Eles passam a acreditar em mentiras, a esperar milagres, a mandar prender o alcoólatra para depois, cheios de sentimento de culpa, mandar soltá-lo de novo, a querer vê-lo morto ao mesmo tempo que rezam para ele conseguir chegar em casa são e salvo.

Não é de se admirar que o alcoolismo seja chamado a doença da família. A família de um alcoólatra é barbaramente afetada pelo percurso da doença, e precisa de ajuda da mesma forma que o alcoólatra precisa. É preciso que — ao hospedar alcoólatras na Chácara Rendal (prefiro usar a palavra "hospedar" do que "internar" porque a Chácara é muito mais uma casa particular do que uma clínica) — queremos que o cônjuge do alcoólatra, sempre que for possível, também venha passar os 14 dias do tratamento conosco.

Aliás, o certo seria que viesse a família toda — todas as pessoas que convivem com o alcoólatra e estão sofrendo emocionalmente por causa dessa convivência. Todos precisam dos conhecimentos que ofereceremos e que lhes podem trazer imenso alívio. Pois a verdade é que, se as pessoas que convivem com um alcoólatra não mudarem, será difícil o alcoólatra efetuar a mudança da qual ele precisa, de uma vida com o álcool para uma vida sem ele. Mas se a família de um alcoólatra mudar seu próprio comportamento e atitudes, o alcoólatra terá muito maior chance de ser bem sucedido na mudança que ele precisa fazer na sua vida.

Nos próximos artigos vou transmitir, aos que convivem com um alcoólatra, os conselhos da Sra. Drews que poderão seguir para mudar *seu próprio comportamento* e assim aumentar as possibilidades de recuperação de seus alcoólatras. Por exemplo, no próximo artigo, o primeiro conselho dela será: *não se considere culpado pelo beber dele*. Sabemos que ele vive culpando você. Mas você não precisa e não deve aceitar a culpa, pois ela não é sua.



CHÁCARA REINDAL Especializada em alcoolismo

*Sua melhor chance de se
recuperar do alcoolismo e
iniciar uma vida nova,
produtiva e feliz.*

Cx. Postal 20.896
01498 São Paulo, SP
(Fone: (011) 520-9514)

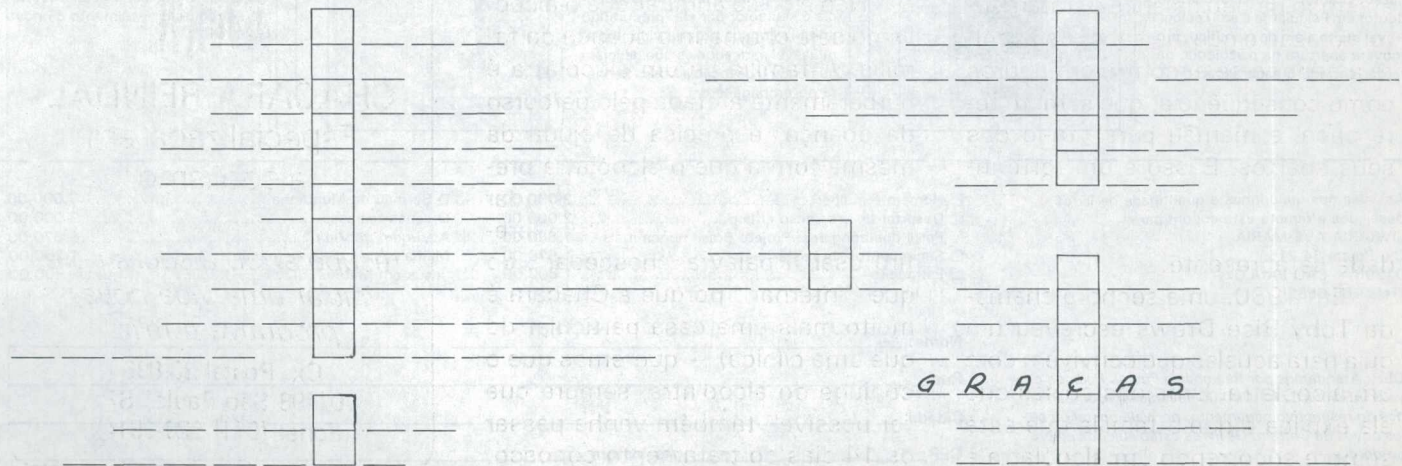
Personagens e lugares da infância de Jesus

Norma Termignoni

A vinda do Menino Jesus é motivo de sentir mais de perto que Deus nos ama e que, pelos méritos de seu Filho, outorga suas Graças aos homens. Maria, como Mãe do Salvador, torna-se a principal intercessora destas dádivas junto ao Pai e ao Filho.

Leia com atenção nos livros: Mateus capítulo 1 e 2; Lucas capítulos 1 e 2 até o versículo 40. Preencha os tracinhos com as palavras encontradas. Em seguida procure colocar essas palavras no diagrama e você encontrará uma das prerrogativas de Maria, na vertical.

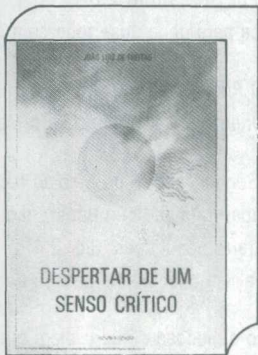
- _____ Profetisa que reconhece o Menino Jesus como Messias (Lc. 2,36)
- _____ O maior e o último dos profetas, chamado "O Batista". (Lc. 1,60)
- _____ Pai legal de Jesus, esposo da Virgem Maria, Patrono da Igreja Universal (Mt. 1,16)
- _____ Mensageiros, enviados de Deus (Mt. 1,20;2,13; 2,19) (Lc. 1,11; 1,26; 2,9; 2,15)
- _____ Cidade natal de Jesus (Mt. 2,6)
- _____ País da África para onde José foge com o Menino Jesus e Maria (Mt. 2,13)
- _____ O Menino; O Príncipe da Paz (Mt. 1,25)
- _____ Vieram do Oriente e trouxeram para o Menino ouro, incenso e mirra (Mt. 2,7)
- _____ A Eleita do Senhor; a Mãe do Menino (Lc. 1,30)
- _____ Prima de Maria; mãe de João Batista (Lc. 1,40)
- _____ Palestina; a terra dos judeus. (Lc. 2,4)
- _____ Cidade da Galiléia onde Jesus passou a maior parte da sua vida (Lc. 1-26)
- _____ Homem justo e piedoso de Jerusalém que, no templo, toma o Menino dos braços e louva a Deus pela visão do Messias (Lc 2,25)
- _____ O anjo que anuncia o nascimento de João Batista e a concepção, nascimento e missão de Jesus. (Lc. 1,19; 1,26)
- _____ Rei da Judéia no tempo do nascimento de Jesus, responsável pela morte dos meninos de Belém. Chamado o Grande (Mt. 2,3)
- _____ Lado direito de uma carta geográfica; nascente; levante; Leste(Mt. 2,2; 2,9)
- _____ Região ao Norte da Palestina onde está situada a cidade de Nazaré (Lc. 2,39)
- _____ Escritores profissionais. Por saber ler e escrever, no meio de um povo analfabeto, eram os possuidores e os transmissores de toda a cultura do mundo antigo.(Mt 2,4)
- _____ Figuras muito familiares na Palestina; guardadores de ovelhas. (Lc.2,8)
- _____ Pai de João Batista (Lc. 1,13)
- _____ Os primeiros, os mais notáveis em talentos ou outras qualidades; filho ou membro da família real. (Mt. 2,4)
- _____ Ministros sagrados; no tempo de Jesus eram encarregados de oferecer sacrifícios e queimar incenso no altar; instruíam o povo na religião e administravam os bens do templo. O ministério era hereditário. (Mt.2,4)
- _____ Imperador de Roma no tempo do nascimento de Jesus (Lc. 2,1)
- _____ A terceira pessoa da SS. Trindade (Lc.1,35)





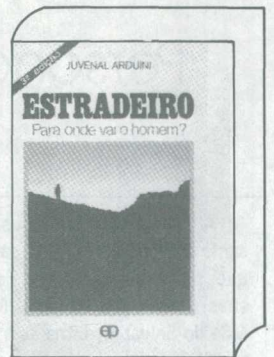
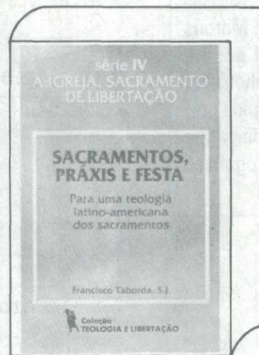
HOMEM E MULHER — Dietrich Von Hildebrand, Mundo Cultural Ltda, 118 págs. Um corpo de pensamentos e princípios em 5 capítulos, mediante os quais o problema homem-mulher ganha dimensões de alta espiritualidade. Não se trata da psicologia dos sexos mas da metafísica do amor. O amor humano que ou atinge a transcendência da caridade ou se degrada no imanentismo dos sentidos abaixo da própria animalidade. Desperta a noção de valores cristãos da família brasileira tão esquecidos em nossa sociedade.

DESPERTAR DE UM SENSO CRÍTICO — João Luiz de Freitas, Editora o Lutador, 177 págs. Com todo o avanço científico, o homem ainda não superou metas tão elementares como a fome e a violência. Nem mesmo ocorre a concientização de que para atingir a paz entre as nações, o ser humano tem de intervir já nesse processo pessoal, social, político e econômico. Esse livro propõe assumir com Cristo essa responsabilidade para o reencontro da civilização com Deus. Descreve todo processo da crítica social cristã, oferecendo um esquema de palestras e extensa bibliografia ascético-sócio-religiosa norteadora o senso crítico, nesse tempo da mídia.



PERFIL DOS ATINGIDOS — Projeto Brasil Nunca Mais, Editora Vozes, 312 págs. O livro reconstitui a história dos atingidos com um dossiê completo dos subversivos. Diante dos tribunais depuseram os próprios atores dessa história, falando de seus partidos, entidades e pessoas. Nele são retratadas duas mentalidades: por um lado a reação desesperada de um grupo minoritário que se opunha à repressão em luta pela liberdade e por outro certos grupos militares da revolução de 64. O livro é a radiografia do medo que gerou tanta violência.

SACRAMENTOS, PRÁXIS E FESTA — Francisco Taborda, S.J., Editora Vozes, 192 págs. É composto de 3 partes: Parte I — estão os sacramentos, como legado da Igreja desde as origens. Parte II — Mediação entre cristianismo compromisso de vida e sacramentos, através da categoria da festa. Parte III — Categoria trabalhada antropológicamente para servir de ponte entre compromisso e sacramento. Partirá da reflexão de que o essencial no cristianismo é a vida engajada no seguimento de Jesus, na atuação, sendo o homem o ser da práxis e o ser da festa.

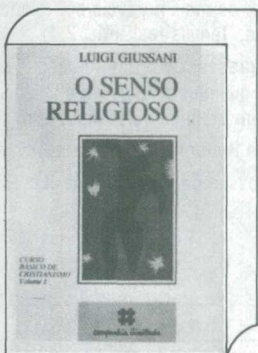


ESTRADEIRO — Juvenal Arduini, Edições Paulinas, 260 págs. O livro traz análises condensadas em torno de fases, situações e problemas vividos pela humanidade de nosso tempo. É a tentativa de ver mais longe, de descobrir o outro lado da realidade, de reinterpretar fenômenos humanos. Foram escritos com a consciência mergulhada nos caminhos da construção, mesclados com os da ruína, predominando contudo a convicção de que o homem é maior que seus contra-sensos. Daí o sentido da busca onde a esperança é a energia criadora que alimenta e impulsiona os passos da História.



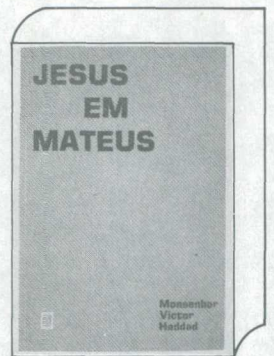
O SERMÃO DA MONTANHA — Georges Chevrot, Quadrante, 173 págs. Longe de apresentar a rigidez de um manual, o livro brinda o leitor com um delicioso retrato vivo da psicologia humana. É uma análise profunda e fascinante do ser humano, no que ele possui de mais íntimo e nos temas que envolvem o seu cotidiano: confiança, paciência, valentia, oração e serviço, êxito e fracasso. O autor — que é sacerdote, doutor em Psiquiatria e em Teologia — vai muito além do científico, promove a abertura na psicologia, para dar entrada à esperança cristã.

O SENSO RELIGIOSO — Luigi Giussani, Companhia Ilimitada, 205 págs. É a 1ª parte de um Curso Básico de Cristianismo em 3 livros. O 2º volume versa sobre a Revelação e o terceiro sobre a Igreja. Esse curso nasceu, como esquema inicial, primeiramente para as aulas de religião, sendo posteriormente aperfeiçoado para o ensino da "Introdução à Teologia". Foram mantidos o tom coloquial e o método ligados à intenção especificamente didática e educativa impostas pelas circunstâncias em que as aulas nasceram.



A VIRGEM DA VIDA — Patrício Sciadini, Edições Loyola, 159 págs. É um livro para servir como subsídio de amor concreto à Nossa Senhora. "Olhando através da rica liturgia sentimos a Virgem tomar, à nossa frente, em corpo, um rosto definido, nítido. Ela se torna o ícone perfeito de Cristo, da ternura de Deus". Com este livro você aumentará o seu conhecimento a respeito da Virgem Maria e por consequência o seu amor por ela, procurando imitá-la em sua própria vida. Indispensável para aqueles que desejam aumentar a devoção a Nossa Senhora ou propagá-la.

MINHA CASA É CASA DE ORAÇÃO — J.L. Freitas Peccatore, Mantena, 151 págs. O autor tenta defender a tese de que a Igreja não é empresa; por isso ela não pode ter e não tem espírito empresarial. Baseou-se em diversas citações Bíblicas, encíclicas e documentos da Igreja, bem como em escritos de diferentes autores. Pretende evidenciar a tendência secularista empresarial por parte de pessoas e obras da Igreja. Trabalho elaborado por um leigo e que deve ser lido, refletido e discutido.



JESUS EM MATEUS — Victor Haddad, Editora Santuário, 127 págs. Este livro teve sua publicação no Oriente Médio com grande êxito e agora é publicado no Brasil. O autor é libanês e veio para o Brasil em 1980. É alguém que fala sobre Jesus tendo vivido no mesmo ambiente que ele viveu. Escolheu o evangelho de São Mateus que contém traços de vários costumes do Oriente, de suas tradições e canções. Nele se reflete o nascimento da nova religião.

Assinale nos quadrinhos a quantidade de livros desejados e remeta este cupom para:
LIVRARIA AVE MARIA
Cx. Postal 54.215
01296 — SÃO PAULO
(Tels.: 66-0582)

<input type="checkbox"/> Homem e mulher	2.000,00	<input type="checkbox"/> O Sermão da Montanha	3.000,00
<input type="checkbox"/> Despertar de um senso crítico	2.000,00	<input type="checkbox"/> O senso religioso	3.000,00
<input type="checkbox"/> Perfil dos atingidos: Projeto Brasil nunca mais ...	1.880,00	<input type="checkbox"/> A Virgem da Vida	1.670,00
<input type="checkbox"/> Sacramentos, práxis e festa	1.670,00	<input type="checkbox"/> Minha casa é casa de oração	1.200,00
<input type="checkbox"/> Estradeiro	1.800,00	<input type="checkbox"/> Jesus em Mateus	800,00

Nome: _____
Rua _____ N° _____
Cidade _____ Estado _____
CEP _____ Assinatura _____

Obs.: Atendemos por Reembolso Postal. Pedidos de valor inferior a Cz\$ 1.000,00 deverão vir acompanhados do respectivo pagamento, por vale postal ou selos novos do Correio. Os livros estão sujeitos ao preço do dia.

ACRÓSTICO

Ave Maria, querida revista
Veio, vem e virá
Em nosso socorro agora e sempre

Muito agradecidos somos porque
Aprendemos com ela a conhecer Maria
Rainha dos viventes, mãe de Jesus e também nossa
Inteiramente a serviço do mundo
Ano após ano, isto é durante noventa anos.

M.A. Pardo Santos
Lucélia - SP — 1.988 - setembro

Já me decidi...
Vou ser IRMÃ
CANISIANA



Para me consagrar a Deus
no "SERVIÇO À
PALAVRA DE
DEUS" que leva o
homem a uma realidade
mais humana e menos
injusta.

Para tomar a defesa dos
pobres, dos que necessitam
ser evangelizados, vou
trabalhar na

evangelização: catequese,
missões, paróquias,
bibliotecas e colégios.

SERVIÇO SOCIAL:

creches, cursos semi-
profissionalizantes e com
famílias carentes

E você, também pensa como
essa jovem?

Venha conosco porque ela já é
uma das nossas.

**SECRETARIADO
VOCACIONAL**

Irmãs de São Pedro
Canisio

Cx. Postal 12

12.570 - Aparecida - SP

RELENDO A BÍBLIA

RESULTADO

<u>A</u> NA	<u>S</u> IMEÃO
<u>J</u> OÃO	<u>B</u> ELEM
<u>J</u> OSÉ	<u>J</u> UDEIA
<u>A</u> NTOS	<u>G</u> ALILEIA
<u>B</u> ELEM	<u>Z</u> ACARIAS
<u>E</u> GITO	<u>A</u> NTOS
<u>J</u> ESUS	<u>O</u> RIENTE
<u>M</u> AGOS	<u>P</u> RINCIPES
<u>M</u> ARIA	<u>E</u> SCRIBAS
<u>I</u> SABEL	<u>C</u> EZAR AUGUSTO
<u>J</u> UDEIA	<u>H</u> ERODES
<u>N</u> AZARE	<u>G</u> ABRIEL
<u>S</u> IMEÃO	<u>E</u> GITO
<u>G</u> ABRIEL	<u>E</u> SPÍRITO SANTO
<u>H</u> ERODES	<u>S</u> ACERDOTES
<u>O</u> RIENTE	<u>A</u> NA
<u>G</u> ALILEIA	<u>J</u> ESUS
<u>E</u> SCRIBAS	<u>J</u> OÃO
<u>P</u> ASTORES	<u>J</u> OSÉ
<u>Z</u> ACARIAS	<u>M</u> AGOS
<u>P</u> RINCIPES	<u>M</u> ARIA
<u>S</u> ACERDOTES	<u>N</u> AZARE
<u>C</u> EZAR AUGUSTO	<u>G</u> RACIAS
<u>E</u> SPÍRITO SANTO	<u>I</u> SABEL
	<u>P</u> ASTORES

Viagem do papa à África

No dia 10 de setembro último realizou-se a 39.^a Viagem Apostólica de João Paulo II às terras da África Austral. O papa visitou cinco países em dez dias, começando por Zimbábue, Botsuana, Lesoto, Suazilândia e Moçambique. Quanto à África do Sul não teria tempo hábil para uma visita oficial, mas pretende visitá-la "brevemente". Condenou firmemente o "apartheid", a política racista praticada pelo governo de minoria branca de Pretória.

Perfil geral dos países africanos visitados:

Zimbábue

Superfície: 390.580 Km²
População: 8.700.000 hab.
Capital: Harare
Língua: inglês
Sistema político: República presidencial
Renda per capita: 595 dólares
Religião: Religiões tradicionais e outras (77%); cristãos não católicos (15%); católicos (8%)

Botsuana

Superfície: 600.372 Km²
População: 1.080.000 hab.
Capital: Gabarone
Língua: inglês
Sistema político: República presidencial
Renda per capita: 589 dólares
Religião: Religiões tradicionais e outras (69%); cristãos não católicos (26%); católicos (4%)

Lesoto

Superfície: 30.355 Km²
População: 1.600.000 hab.
Capital: Maseru
Língua: inglês
Sistema político: Monarquia constitucional
Renda per capita: 270 dólares
Religião: Religiões tradicionais e outras (24%); cristãos não católicos (35%); católicos (40%)

Suazilândia

Superfície: 17.363 Km²
População: 820.000 hab.
Capital: Mbabane
Língua: inglês
Sistema político: Monarquia tradicional, sem partidos
Renda per capita: 787 dólares
Religião: Religiões tradicionais e outras (55%); cristãos não católicos (40%); católicos (5%)

Moçambique

Superfície: 783.030 Km²
População: 14.500.000 hab.
Capital: Maputo
Língua: portuguesa
Sistema político: República popular socialista
Renda per capita: 152 dólares
Religião: católicos (13%); muçulmanos (11%); cristãos não católicos (4%); religiões tradicionais e outras (72%).

O papa reafirmou as palavras da encíclica de que: "O direito de cada povo à própria identidade, à independência e à segurança, como também à participação, na base da igualdade e da solidariedade, e à fruição dos bens destinados a todos os homens (Sollicitudo Rei Socialis 21). Infelizmente, na África Austral esses direitos estão longe de serem plenamente respeitados, essas aspirações estão longe de serem satisfeitas. Poderosas forças políticas, econômicas e ideológicas põem em perigo a ainda frágil estabilidade dos países, que estão apenas a iniciar a consolidação da sua independência, recentemente adquirida. Tais forças impedem a autodeterminação dos povos; fomentam conflitos ideológicos, étnicos e tribais, retardando o processo de desenvolvimento. O objetivo principal da minha presente peregrinação é visitar os meus irmãos e as minhas irmãs de fé católica.

Todos os seres humanos têm o direito fundamental ao que é neces-



Ser Missionário é viver a alegria da doação total. Jovem, você que está em busca de um mundo melhor, mais justo, onde todos se sintam bem, venha partilhar a aventura de ser Missionário Claretiano.

As opções são muitas:

- Missão
- Serviço Paroquial
- Educação
- Meios de Comunicação Social

Solicite informações:

01.296 - Cx.P. 54 215 - São Paulo (SP)
13.500 - Cx.P. 136 - Rio Claro (SP)
93.250 - Cx.P. 23 - Esteio (RS)

sário para sustentar a vida. Ignorar este direito, na prática, é permitir uma discriminação radical. É condenar os nossos irmãos a uma existência sub-humana.

O caminho a percorrer será o da mudança de atitudes espirituais, "uma verdadeira conversão das mentes, das vontades e dos corações à causa do homem, iluminada pelo princípio de solidariedade em razão a promover a autêntica dignidade da pessoa humana". (Redemptor Hominis, n.16)

QUE BOM QUE VOCÊ VEIO!

(Recado do Cortês)

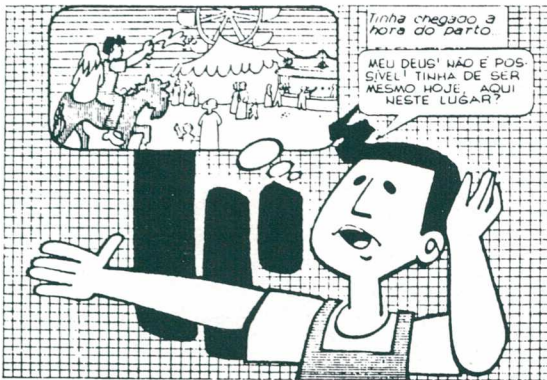
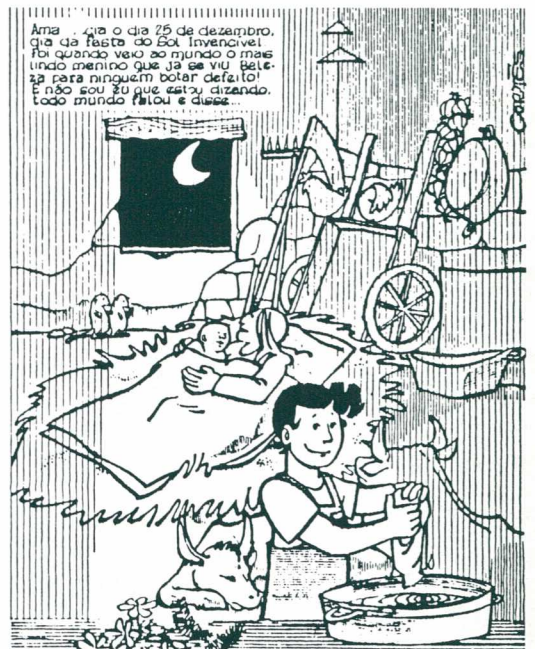
Finalmente chegaram a Belém. A cidade está em festa. Há muita gente que mora aqui e muitos turistas e todos os hotéis e pensões estavam cheios.



E, enquanto estavam descarregando a bagagem e arrumando um pouco as coisas...



E assim foram parar numa choupana fora da cidade. Para dizer a verdade era apenas um estábulo.



JOVEM, TE SENTES CHAMADA PARA SEGUIR JESUS CRISTO?

Lembra-te que Cristo te estende a mão.

Ele precisa de ti no Instituto das Filhas de Nossa Senhora das Graças, para juntas, cuidarmos com amor e carinho, de todas as crianças carentes, doentes e abandonadas, que de nós necessitam. O nosso carisma é variado, vem conhecê-lo. Escreve-nos e logo terás a resposta.

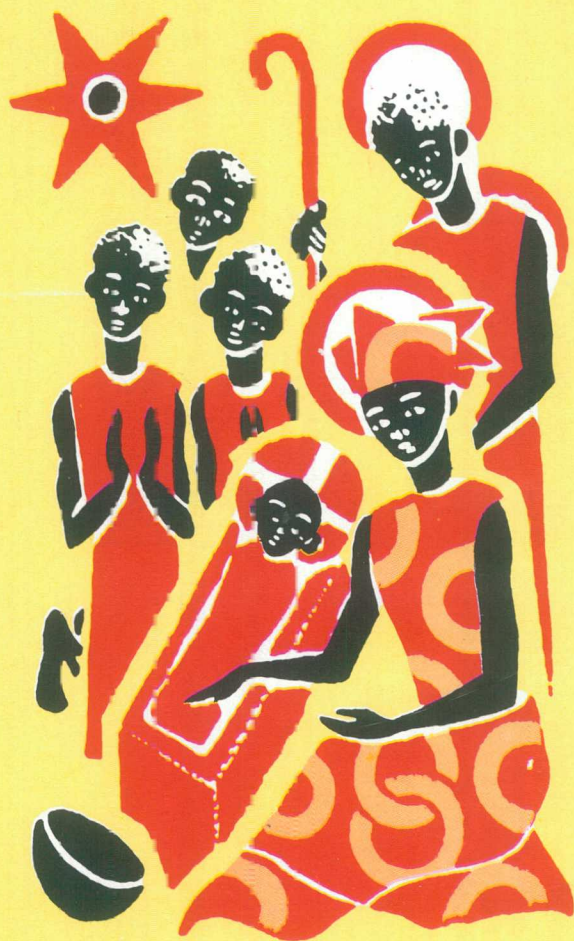


INSTITUTO DAS FILHAS DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS

Rua Mons. José Vita, 320 - 12460 - Campos do Jordão, SP

Maria, Mãe do bom Senhor!

Morena formosa
Mãe doce e doce
Sinal vitorioso
Rosário dos negros mistérios
da fé.
Pobre do presépio, forte do
Calvário
Aleluia da Páscoa de
ressurreição
Flor e corrente do nosso
rosário
Fiel companheiro da
libertação.
Do teu ventre livre que é o
verdadeiro
— pois nos gerou livres no
Liberador —
Consola o teu povo que está
em cativeiro
Escrava Senhora e mãe do
Senhor.
Canta sobre o mundo a tua
profecia
que derruba os ricos e os
grandes, Maria.
Lança novamente as redes da
vida
do teu povo negro,
Negra Aparecida!



D. Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra

Feliz Natal, leitor amigo!

Mais um ano se encerra. E com este número queremos cumprimentar a todos os que de alguma maneira estão ligados à revista AVE MARIA. Aos leitores que nos têm prestigiado com a leitura e conosco têm refletido sobre as exigências do Reino de Deus; aos assinantes que, atentos às contínuas dificuldades de toda ordem da imprensa católica, colaboram, antecipando-se na renovação da assinatura; aos benfeitores clare-

tianos que nos apóiam e ajudam as vocações religiosas, assim como a seus familiares; aos nossos articulistas que com os seus conhecimentos, suas experiências, observações e reflexões colaboram na redação da revista; aos irmãos propagandistas e representantes, que com dedicação e empenho a divulgam; aos nossos auxiliares da gráfica que trabalham para que ela se aperfeiçoe; e àqueles, enfim, sem os quais não conseguiríamos

transmitir a mensagem cristã a tantos leitores de boa vontade.

Que renasça em todos a esperança, a coragem, a confiança e a alegria verdadeira do Natal, com a lembrança permanente de que Deus está conosco e vive no meio de nós.

Feliz Natal! Feliz Ano Novo

A direção e a redação da
revista AVE MARIA